

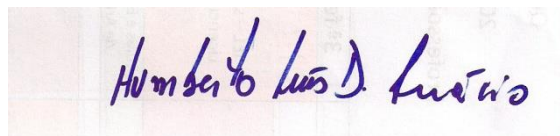
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO AMBIENTE ESCOLAR:  
desafios e possibilidades

Trabalho apresentado para obtenção do título de  
Licenciada em Educação Física pela  
Universidade Federal de Goiás,  
sob orientação do professor  
Humberto Luís de Deus Inácio

**Esta Monografia foi revisada após a defesa em banca e está aprovada.**

Goiânia, fevereiro de 2016



---

Prof/a. (orientador/a)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Laleska Lopes Guiotti

**PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO AMBIENTE ESCOLAR:  
DESAFIOS E POSSIBILIDADES.**

Goiânia  
2016

Laleska Lopes Guiotti

**PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO AMBIENTE ESCOLAR:  
DESAFIOS E POSSIBILIDADES.**

Monografia submetida à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Licenciatura em Educação Física. Orientador: Prof. Dr. Humberto Luís de Deus Inácio.

Goiânia  
2016

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, fora Temer. E em seguida, agradeço as forças superiores que me permitiram chegar até aqui, não atribuindo nome a elas especificamente, mas mesmo que sejam essas Javé, Judá, Jah, Deus, Orixás, ou as forças da própria natureza, fica aqui o meu agradecimento ao equilíbrio e à força para conquistar meus objetivos.

Agradeço aos meus pais, que me educaram da melhor maneira possível com as condições sociais que tinham. De fato, sem a educação que me foi dada na infância, eu não teria conseguido nem mesmo adentrar as portas da universidade. Agradeço a minha tia Kênia de Paula, que sempre me apoiou no curso de educação física, me incentivando acerca de que não importa o que eu fizesse e sim o quanto me empenhasse em ser esforçado naquilo, isso sim traria frutos futuros.

Agradeço aos meus amigos que estiveram comigo nesses quatro anos de graduação, em especial ao Juliano e à Rayra e aos meus companheiros de luta no centro acadêmico e na faculdade. Agradeço aos meus professores, desde os do ensino da base até os da universidade, por terem mediado diversos conhecimentos que foram e serão úteis no decorrer da minha vida e alguns professores em especial, por terem servido de inspiração ao docente que eu quero ser e alguns para o docente que eu jamais quero ser, mas sempre trazendo aprendizados que tomei para mim de maneira construtiva, algumas coisas que absorvemos e outras que seguimos em luta para que não sejam reproduzidas.

Gratidão ao meu orientador pelos ensinamentos em projeto de pesquisa, em processo de construção de monografia, e em base de luta. Gratidão por ter me instruído aos estudos do lazer e em seguida aos estudos das práticas corporais de aventura, nos quais vislumbrei meu tema de monografia, sempre com paciência e tranquilidade.

E a todos que participaram diretamente ou indiretamente do meu processo de formação como ser humano, ser social ou ser reflexivo, o meu muito obrigado.

## RESUMO

As práticas corporais de aventura fazem parte dos conhecimentos historicamente acumulados e dos conteúdos da cultura corporal dentro da linha de estudo da educação física, estas surgem no contexto do lazer e veem crescendo ao longo dos anos, adentrando também o ambiente escolar, surgindo assim uma necessidade de aprofundamento dos estudos relacionados ao tema. Portanto a pesquisa ocorreu no sentido de fazer um diálogo das obras já existentes sobre práticas corporais de aventura no ambiente escolar, com as análises de intervenções feitas em um instituto localizado em Goiânia dentro da disciplina de estágio, essas intervenções foram pautadas dentro da abordagem crítico-superadora e tiveram como objetivo visualizar como eram as relações dos estudantes com as práticas corporais de aventura e como se davam as relações entre eles no decorrer da prática. Concluímos que as práticas corporais de aventura são conteúdos que estão em contextos diferenciados dos conteúdos de modelos esportivos já impostos na educação física, desde a construção dos espaços para a prática. Assim, as práticas corporais de aventura se apresentaram enquanto práticas libertadoras em quesito movimento e expressões subjetivas dos estudantes, possibilitando problematizações acerca da prática e novas experiências motoras subjetivas vinculadas a uma práxis pedagógica.

**Palavras-chave:** Práticas corporais de aventura, Educação física, Cultura corporal, Escola.

## Sumário

1. Introdução .....	7
2. Revisão de literatura.....	10
2.1. Práticas corporais de aventura.....	10
2.2. Abordagem metodológica.....	16
2.3. Metodologia do ensino da educação física.....	23
2.3.1 Educação .....	24
2.3.2 Lazer .....	29
2.3.3 Escola .....	32
2.3.4 Formação .....	35
2.3.5 Atividades de aventura e Práticas corporais de aventura.....	38
3. Análise da pesquisa .....	50
3.1 Análises dos questionários .....	53
3.2 Relatórios de observação das aulas. ....	58
3.3 Análises dos dados .....	64
4. Considerações Finais .....	76
5. Anexos.....	80
5.1. Questionário aplicado aos alunos.....	80
5.2. Organograma água PCAN .....	82
5.3. Organograma ar PCAN.....	83
5.4. Quadro PCAN.....	84
6. Referências.....	86

## 1. Introdução

A partir de um projeto de pesquisa no GEPELC (...) relacionado às práticas corporais de aventura na natureza no ambiente escolar, nós aprofundamos os estudos relacionados a essas práticas tanto no contexto da natureza debatendo acerca das relações homem-meio quanto aos fatores que influenciam a maior aderência dessas práticas e os fatores essenciais presentes nessas práticas e entre outros aspectos. Dentro dessas relações das práticas na natureza, no projeto nós analisamos algumas monografias e pesquisas acerca dessas intervenções no âmbito escolar, e no ambiente da natureza e a partir desse projeto, surgiu a inquietação para promover uma pesquisa dessas práticas no âmbito escolar, com o objetivo de analisar como seria a aderência dos estudantes de ensino médio com essas práticas no ambiente escolar, por estes estarem na fase da adolescência e muitas das vezes se apropriarem dessas práticas em seus momentos de lazer.

Outro momento importante que gerou a inquietação para um possível problema de pesquisa foi o das intervenções do estágio curricular obrigatório 1, ocorridas no ano de 2015, no qual nós tivemos que trabalhar com capacidades e habilidades físicas dentro do contexto dos esportes e, a partir dessas aulas, surgiu uma inquietação sobre as participações de homens e mulheres no decorrer das aulas. O que se observava era que os meninos ficavam completamente ligados a prática, e as meninas ficavam dispersas e muito das vezes não participavam das aulas, o que também pude observar nas minhas aulas de educação física do ensino fundamental e médio, em escolas públicas onde o esporte era segmentado por gêneros, onde homens jogavam futebol e mulheres jogavam voleibol, separados. Portanto, dentro dos esportes coletivos, com exceção do vôlei, a prática por parte das meninas era escassa. Disso surgiram alguns questionamentos, como: por que a participação efetiva feminina era menor nas práticas em relação às participações efetivas masculinas? E como seria a relação dessa participação efetiva de homens e mulheres com conteúdos que não estivessem diretamente relacionados aos

esportes? Porém, esse eixo de pesquisa fica para uma possibilidade futura, estou tratando aqui apenas de inquietações que me levaram a inserir as práticas corporais de aventura na instituição pesquisada. Surge a ideia de trabalhar as práticas corporais de aventura na escola não só com o objetivo de inserir as práticas no contexto escolar, mas também de analisar como seria a aceitação dos estudantes.

A proposta foi de dar continuidade à pesquisa iniciada em laboratório, e, a partir desse contexto, fazer intervenções na escola com os alunos de ensino médio e trabalhar com práticas corporais de aventura no âmbito escolar, analisando ao fim da pesquisa as relações que os mesmos estabeleciam com as práticas, pelo fato de ser um conteúdo novo para esses estudantes, estes que já possam ter tido experiências com tais práticas fora da escola.

O trabalho foi dividido em três capítulos que atendem a necessidade de expor, tanto a pesquisa bibliográfica, quanto a pesquisa no instituto e analisá-las de maneira mais ampla, se apropriando melhor dos vários autores que trabalham o tema proposto.

A pesquisa foi realizada em uma Instituição localizada em Goiânia, com uma turma de primeiro ano do ensino médio, que nunca teve acesso a práticas corporais de aventura no ambiente escolar, como conteúdo das aulas de educação física. Porém, alguns alunos já tiveram acesso a essas práticas fora do ambiente escolar, em seus momentos de lazer, e outros nunca tiveram acesso direto a essas práticas e, portanto, conhecem através de elementos midiáticos (televisão, internet, filmes...).

A escolha da escola para se promover a pesquisa foi um dado importante na hora da análise pelo fato de ser a mesma escola que fizemos intervenção durante o ano todo na disciplina de estagio curricular obrigatório 2, Portanto há possibilidades de maior dialogo com os alunos e melhor análise do campo, ou seja, melhor análise do contexto que essa escola esta inserida, qual a característica dos estudantes da escola, e como e a educação física é tratada por parte da escola quais abordagens são utilizadas, metodologias e instrumentos de avaliação que interferem diretamente no comportamento dos alunos durante as intervenções de estagio que por sinal também são as

intervenções da pesquisa, abrindo a possibilidade de análise dentro das teorias críticas que refletem acerca da realidade social do estudante e da relevância social do conteúdo para esse estudante.

Dentro do contexto apresentado iremos abordar o tema em três capítulos, no capítulo 1 será tratado do conceito das práticas corporais e práticas corporais de aventura relatando sobre sua justificativa enquanto conteúdo da educação física escolar e os elementos que a base nacional comum curricular traz sobre o tema. As mesmas, no segundo momento será abordado acerca do trato pedagógico pelo qual foram elaboradas as intervenções que no caso dentro da abordagem crítico superadora proposta pelo livro metodologia de ensino em educação física, também conhecido como coletivo de autores.

No segundo capítulo serão trabalhados os eixos transversais dentro de uma pesquisa bibliografia, assim utilizamos um programa chamado NVIVO onde o mesmo coleta dentro de textos que o próprio pesquisador seleciona as palavras que mais aparecem, ou seja, que mais estão enfatizadas no texto, a partir daí selecionamos as palavras que mais apareciam e discutimos acerca desses temas dentro do contexto das práticas corporais de aventura, a palavra que mais apareceu foi educação que foi o eixo norteador do segundo capítulo tratando do aspecto educacional das práticas corporais de aventura, outros tópicos elencados foram lazer, educação física e formação.

No capítulo 3 houve a apresentação dos dados coletados no instituto de pesquisa como análise dos questionários, relatório de aulas e o diálogo dos dados com a revisão de literatura, traçando as dificuldades e possibilidades encontradas durante a inserção das práticas corporais de aventura na instituição que foi inserida a pesquisa. Esperamos que a pesquisa venha contribuir de alguma forma na vida das pessoas, mas diretamente na vida de profissionais da área educacional.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1. Práticas corporais de aventura

Neste item iremos apresentar o conceito de práticas corporais de aventura através de um diálogo entre os principais autores que trabalham e debatem esse tema tanto relacionado á educação física escolar quanto na perspectiva do lazer o que possibilitará a abrangência de possibilidades em ambos os espaços pertinentes a educação física.

Para compreendermos o significado do que são as práticas corporais de aventuras na natureza, é preciso partir do contexto em que se conceituam as práticas corporais e porque se apropriar desse termo.

Decidimos utilizar a expressão Práticas Corporais ao invés de atividade física, porque esta última nos remete a uma compreensão restrita de humano, limitada a uma concepção biologicista; enquanto a primeira possibilita um entendimento mais ampliado das múltiplas dimensões humanas. (Inácio et al. 2005, p. 69)

Pode-se observar que as práticas corporais nos proporcionam uma compreensão ampla do ser humano em suas diversas dimensões, o que podemos observar em uma pesquisa pela qual foram coletados os significados atribuídos as práticas corporais:

1. São identificadas como manifestações culturais que enfocam a dimensão corporal, característica, segundo os textos analisados, não presente na perspectiva dos pesquisadores que utilizam o conceito de atividade física;
2. Buscam superar a fragmentação identificada na constituição do ser humano e denotam uma crítica à forma de organização da vida contemporânea e seus desdobramentos no corpo;
3. Apontam para uma ampliação conceitual deste termo com elementos das ciências humanas e sociais e tensionam com uma concepção de ciência pautada na objetividade e neutralidade;
4. Exemplificadas, principalmente, como esporte, ginástica, dança, luta, tai-chi, yoga, práticas de aventura, jogos;
5. Destacam-se as diferenças e contrastes entre as práticas corporais orientais e as ocidentais;

6. Externam uma preocupação com os significados/sentidos atribuídos às práticas corporais por parte dos sujeitos que as praticam, para além de sua utilidade mais pragmática;
7. Apresentam finalidades como promoção da saúde, educação para sensibilidade, para estética, para desenvolvimento do lazer e para o cuidado com o corpo. (Lazarotti et al.2010, p. 18-19).

Para caracterizar as atividades físicas são utilizados métodos biologicistas, que fogem ao significado das práticas corporais em sua amplitude de sentidos e formas de manifestações:

Essa atividade física fundamenta-se na física clássica, newtoniana, atividade física como sinônimo de gasto de energia, diretamente associada à ideia de ingestão de calorias: "se você ingerir mais calorias será necessário fazer mais atividade física". (Brasília, 2006, pg. 36)

Para caracterizar os esportes são utilizados métodos relacionados a eficiência da técnica e na maioria das vezes as práticas corporais são inseridas nessa dinâmica dos esportes perdendo uma serie de elementos constituintes da práticas.

O crescente processo de esportivização traz, para esses fenômenos culturais, uma série de elementos que são constituintes dos esportes convencionais, especialmente sua natureza vinculada à competitividade, ao rendimento e à performance. Além disso, o processo de esportivização das práticas corporais tende a constituir uma padronização e uma instrumentalização do movimento corporal que as faz perder seu teor original de enraizamento, como Ecléa Bosi (1987) alerta, e alterar sua constituição como patrimônio cultural da humanidade. (Silva, A.M; Damiani, I.R. 2005, 21-22)

A expressão práticas corporais de aventura é bastante recente e busca superação do contexto que está inserida a atividade física de aventura, que ao longo dos anos foi sendo dicotomizada em dois polos o da natureza e o do ser humano, cristalizando no pensamento humano essa separação.

Marx, por sua vez, para se referir a estes dois polos como partes constituintes e indissociáveis de um todo prefere apontar uma natureza orgânica (o próprio ser em si), e uma natureza inorgânica (o que está fora do ser). (Verbete, p.531)

As praticas corporais de aventura recebem diversas nomenclaturas segundo Franco (2004) como: esportes californianos, novos esportes, esportes

técnico-ecológicos, esportes em liberdade, esportes selvagens, esportes radicais, esportes de ação e esportes alternativos.

Essas nomenclaturas surgem de acordo com a modalidade de cada região, os materiais utilizados para a prática, gírias dos praticantes ou características dos mesmos, o primeiro autor a relatar estudos acerca dessas práticas na natureza foi Betrán(1995) e o mesmo retrata acerca de atividades físicas de aventura na natureza o que Franco (2014) contrapõe relatando sobre a amplitude que o termo práticas corporais nos oferecem.

Betrán (2003) defende a proposta de Atividades Físicas de Aventura na Natureza, descrevendo-as como práticas fundamentadas no deslize sobre superfícies naturais, sendo marcadas pela presença da velocidade, da busca pelo equilíbrio, de energias da natureza e de diferentes riscos. De fato, essa é uma boa denominação, no entanto, levanta-se objeção em relação ao termo 'na natureza', pois muitas dessas práticas podem ser realizadas no meio urbano, como o *skate*, *slackline*, *parkour* e o surfe realizado em piscinas. Essa perspectiva, de que pode ocorrer em qualquer ambiente, facilita a disseminação dessas práticas e a inclusão em programas esportivos educacionais, como o PST. Além disso, preferiu-se o termo 'práticas corporais' em vez de 'atividades', por dar um sentido mais sistematizado a esse conjunto de conhecimentos que, espera-se, seja incluído mais frequentemente em propostas escolares e nos núcleos do PST. (Franco, 2014, p. 105 apud Betrán, 2003)

Segundo Betrán (1995) as práticas corporais de aventura podem ser classificadas da seguinte maneira: Ambiente pessoal (ambiente na qual essas atividades, vão ser organizadas de acordo com as sensações, emoções e recursos biotecnológicos); Impactos ambientais (impactos que podem ser gerados por essas práticas de maneira elevada, mediana, ou reduzida); Ambiente social (ambientes que retratam atividades realizadas de um grupo em colaboração com outro grupo); Ambiente físico (ambiente que trata do meio utilizado para a realização das práticas terra, água ou ar).

Quadro 1: Classificação das práticas corporais de aventura

Modalidades Praticadas em Terra	Breve descrição
<i>Caving</i>	Exploração de diferentes tipos de cavernas que se empregam técnicas variadas.
Corrida de aventura	Prática competitiva que objetiva o deslocamento entre pontos em locais naturais, contendo diversas modalidades de aventura encadeadas.
Corrida de orientação	Prática competitiva que emprega mapa específico e bússola para navegar entre pontos determinados.
Arvorismo	Prática focada na superação de desafios e obstáculos, geralmente construídos entre plataformas suspensas nas árvores.
Escalada	Prática cujo objetivo é, normalmente, ascender em estruturas com diferentes graus de dificuldade, como rochas e muros de escalada.
<i>Mountain bike</i>	Prática de ciclismo realizada em espaços naturais como trilhas.
<i>Parkour</i>	Deslocamento de um ponto para outro, usando habilidades corporais para a superação de obstáculos.
<i>Skate</i>	Prática que emprega equipamento, normalmente composto por prancha e eixos com rodas, para a realização de diferentes movimentos e manobras.
<i>Slackline</i>	Deslocamento realizado sobre uma fita tubular presa entre pontos que estão acima do solo.
<i>Trekking</i>	Prática centrada na caminhada, normalmente, em trilhas e espaços naturais, podendo ser competitiva ou não.
<b>Modalidades praticadas na água</b>	
Canoagem	Prática realizada em mares, lagos, rios, piscinas ou outros espaços e que emprega caiaques, canoas ou botes.
Kitesurfe	Prática que emprega uma espécie de pipa e uma pequena prancha com uma estrutura de suporte para os pés.
Mergulho	Prática subaquática que é realizada com ou sem equipamentos específicos.
Rafting	Modalidade da canoagem que, normalmente, emprega botes infláveis para a descida de corredeiras.
<i>Stand up paddle</i> ou <i>SUP</i>	Prática realizada com uma prancha, similar à usada no surfe, que também emprega um remo.
Surfe	Prática realizada com diferentes tipos de pranchas que objetiva deslizar sobre ondas e realizar manobras.
<i>Acqua ride</i> ou bóia cross	Consiste em descer corredeiras deitado ou sentado sobre uma câmara de ar em formato ovalado.
Windsurfe	Prática realizada com uma prancha, similar à usada no surfe, que possui mastro e vela.
<b>Modalidades praticadas no ar</b>	
Asa delta	Prática de voo livre que emprega um tipo de asa feita de materiais rígidos, como tubos de alumínio, e flexíveis, como tecidos.
Balonismo	Deslocamento realizado com balões.
<i>Bungee jump</i>	Salto de estruturas elevadas, como plataformas e pontes, por meio de cordas elásticas.
<i>Paragliding</i>	Prática de voo livre que emprega equipamento similar a um paraquedas.
Paraquedismo	Saltar de aeronaves empregando paraquedas. Há o B.A.S.E. Jump, cujo salto com paraquedas é realizado em pontes, prédios e penhascos.
Tirolesa	Deslizamento realizado com equipamentos individuais, em um cabo de aço fixado entre pontos de diferentes alturas.

O quadro se refere as práticas corporais de aventura tanto do meio terrestre, quanto de meio aquático e do ar. Essas práticas aparecem nos questionários aplicados na escola, como possibilidades de escolha para inserção das mesmas no contexto escolar, nesse questionário foi anexado um quadro onde os estudantes preencheram quais das práticas os mesmos gostariam de ter na escola, o quadro foi reduzido as possibilidades encontradas na mesma.

Para além de compreender as práticas corporais de aventura e os locais nas quais as mesmas podem ocorrer, sendo no meio urbano ou terrestre, devemos lembrar que essas práticas são elementos de ligação entre o praticante e o meio, e isso exige determinadas técnicas específicas de

apropriação das práticas, no meio natural e no meio urbano, portanto esse conceito de técnica é diferente do modo apropriado no contexto esportivo.

As PA's, enquanto práticas essencialmente técnicas, não se apresentam assim descoladas deste contexto tecido por esta concepção moderna da técnica; tradicionalmente são desenvolvidas dentro de uma perspectiva de desafio e dominação da Natureza, seja em sua dimensão externa – ao desbravar grandes precipícios, cachoeiras, desertos etc; ou mesmo interna ao humano – desafiando os medos, adrenalinas, jejuns e outros desequilíbrios fisiológicos. (Inácio et.al. 2016 p.76).

Portanto as práticas corporais de aventura além de se diferenciarem dos conteúdos impostos dos esportes que muitas vezes estão voltados para o gesto técnico, ou o melhor desempenho essas práticas veem sendo vistas como conteúdo da educação física e a mesma já encontram-se como conteúdo da base nacional comum curricular (BNCC) sendo um conteúdo obrigatório da educação física, e se justificando enquanto:

[...] as práticas corporais de aventura, cujo aspecto central e diferenciador em relação às anteriores é que a vertigem e o risco controlado são determinantes em sua organização. Suas expressões e formas de experimentação corporal estão centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador. [...] Neste documento, optou-se por diferenciá-las com base no ambiente de que necessitam para serem realizadas: na natureza e urbanas. As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado [...]. As práticas de aventura urbanas, diferentemente das anteriores, exploram a “paisagem de cimento” para produzir essas condições (vertigem e risco controlado) durante a prática [...]. Reconhece-se, no entanto, que, apesar das diferenças, algumas modalidades podem ser realizadas tanto em um entorno como em outro, o que aumenta a possibilidade de sua vivência. (BRASIL, 2016, p.106).

Assim podemos observar que na BNCC existem propostas de oportunizar ao sujeito o conhecimento do mundo para assim a ele se atribuir sentido e significado, o que também se faz presente na PCAN's na construção de significados para as coisas presentes no mundo:

[...] tratar das práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, por meio da gestualidade e do patrimônio cultural da humanidade, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. (BRASIL, 2016, p.99).

Segundo Inácio et. Al. (2015) é recomendado que os estudantes no fim do ensino fundamental trabalhem dentro da área de linguagens conteúdos que oportunizem a ampliação de mundo dos mesmos, o que as PCA's podem reforçar dentro dos princípios que compõem essa área, de acordo com a BNCC a área de linguagens é caracterizada por objetivos que entram consonância com diversos autores da educação física.

1. Interagir com outras linguagens;
  2. Compreender as condições de (re) produção das práticas de linguagens na cultura corporal do movimento;
  3. Refletir sobre os usos das linguagens;
  4. Compreender a diversidade de manifestações das práticas corporais como construtos socioculturais e suas relações com ideologias e com o poder;
  5. Interagir com o outro;
  6. Reconhecer as dimensões poética e estética das linguagens.
- (Inácio et al. 2016, p. 172)

As práticas corporais de aventura tanto no ambiente natural quanto urbano além de ampliar o repertório motor e as expressões subjetivas de seus praticantes, pode promover condições para melhoria e manutenção do meio ambiente e são propostas diferentes que fogem ao modelo esportivo trabalhado nas escolas.

Enfim, práticas corporais de aventura aliam o prazer a outro estilo de vida e também permitem novas formas de integração da humanidade aos meios naturais e urbanos. Atividades marcadas pela presença de riscos e que empregam as energias da natureza como desafios a serem vencidos, possuem diversas potencialidades que podem ser exploradas e oferecem condições diferenciadas para o desenvolvimento de competências relevantes para a melhoria e manutenção da qualidade do meio ambiente (FRANCO, 2008). Assim, apresentam considerável potencial pedagógico e para que possam ser difundidas em iniciativas esportivas educacionais, contam com algumas propostas de temas de aula de diferentes atividades, dispostas na parte seguinte deste capítulo, as quais

foram testadas e desenvolvidas com o intuito de auxiliar o trabalho de professores e monitores. (Franco, 2014, p. 112).

Sem contar que as mesmas potencializam e influenciam a relação do homem com o ambiente natural favorecendo a manutenção e preservação de meio, possibilitando assim um aparato pedagógico riquíssimo capaz de trabalhar interdisciplinaridade entre diferentes disciplinas de maneira espontânea, proporcionando conhecimento e aulas diferentes das aulas comuns propostas na educação física escolar.

## 2.2 Abordagem Metodológica

O método utilizado para a pesquisa será baseado em abordagens críticas com marco- conceitual no método materialismo dialético baseado na proposta da dialética de Marx e Engels onde há uma proposta de transformação da sociedade através de uma transformação na ordem social existente pela qual as relações estabelecidas em sociedade só podem ser compreendidas em sua totalidade.

Dentro desse método aborda-se o conhecimento em seu processo dialético dando ênfase na prática social como critério da verdade, estudando a vida em sociedade e o homem como ser social dotado de experiências e conhecimentos, a partir das necessidades de transformação da natureza e da tentativa de buscar explicações lógicas e racionais para os fenômenos.

Segundo Trivinos (1987) a concepção materialista apresenta três características essenciais: a da materialidade do mundo, ou seja, todos os objetos, fenômenos e processos da realidade são materiais; a de que a matéria é anterior á consciência, ou seja, a consciência é reflexo da matéria e surge a partir de necessidades objetivas materiais; e a de que o mundo é conhecível ou seja a realidade se desenvolve gradualmente. A partir dessas características o materialismo é dividido em três categorias básicas: matéria, consciência e prática social que possibilitam o conhecimento de uma realidade natural, social e do pensamento.

Para se propor uma pesquisa com marco conceitual pautado no método do materialismo histórico dialético é preciso uma investigação ampla no campo social onde será feita a análise pautando-se nas formações sócio econômicas, forças de produção, relações de produção, classe social, ideologias, consciência social, consciência individual, concepção de homem, concepção de educação e dentre outros aspectos. O que fica coerente com a proposta da intervenção de estágio, pelo fato de que analisamos todo o contexto que a escola está inserida e o contexto dos estudantes se aprofundando nesses aspectos que o método nos propõe.

Para a realização da pesquisa seguimos os princípios que norteiam esta matriz teórica, que são: a existência de uma intencionalidade na pesquisa, ou seja, não há uma neutralidade, a interação entre pesquisador e objeto aprendendo um com outro simultaneamente e como objetivo a pesquisa voltada para a transformação do mundo, no caso da realidade social dos estudantes através da educação.

Uma pedagogia entra em crise quando suas explicações sobre a prática social já não mais convencem aos sujeitos das diferentes classes e não correspondem aos seus interesses. Nessa crise, outras explicações pedagógicas vão sendo elaboradas para lograr o consenso (convencimento) dos sujeitos, configurando as pedagogias emergentes, aquelas em processo de desenvolvimento, cuja reflexão vincula-se à construção ou manutenção de uma hegemonia.

O presente texto trata de uma pedagogia emergente, que busca responder a determinados interesses de classe, denominada aqui de crítico- superadora. (Coletivo de autores, 1992, p.14)

É importante observar que relação sujeito-objeto defendida por este paradigma científico-filosófico é uma relação de mediação entre eles (sujeito e objeto) onde um exerce influencia para com o outro assim é necessário compreender seus aspectos básicos e abordar de forma ampla e objetiva o

objeto de análise, tratando de analisar suas relações externas e suas conexões internas, considerando que ele está sempre em movimento, automovimento e mutação, ou seja, o processo de construção de conhecimento é contínuo porque a sociedade está em constante mutação.

A abordagem crítico- superadora é uma proposta do livro Metodologia do Ensino em Educação Física também conhecida como Coletivo de Autores (1992), o qual foi reimpresso mais 14 vezes e possui relevância superior na área da educação física pela forma e o objetivo com que a educação física era tratada nas escolas nos anos anteriores ao livro, essa abordagem é baseada na corrente do marxismo, e busca a quebra de ideologias impostas procurando atender os interesses históricos da classe trabalhadora através da luta e da política para se construir uma hegemonia popular.

O conhecimento é tratado metodologicamente de forma a favorecer a compreensão dos princípios da lógica dialética materialista: totalidade, movimento, mudança qualitativa e contradição. É organizado de modo a ser compreendido como provisório, produzido historicamente e de forma espiralada vai ampliando a referência do pensamento do aluno através dos ciclos já referidos. (Coletivo de autores, 1992, pg. 27).

Através da perspectiva de uma reflexão pedagógica a pedagogia crítico - superadora possui algumas características específicas sendo assim a mesma se caracteriza enquanto “judicativa, teleológica e diagnóstica”.

Diagnóstica porque a mesma faz uma leitura dos dados encontrados na realidade e esses mesmos dados vão necessitar de uma interpretação pelo qual os indivíduos emitirão juízo de valor sobre os mesmos, portanto a reflexão pedagógica e judicativa e por fim esta se caracteriza como teleológica por estabelecer um alvo ou um objetivo, objetivo estes que podem ser conservadores ou procurar transformar os dados da realidade diagnosticados e julgados.

Segundo o coletivo de autores (1992) a partir dessas características a função do currículo dentro dessa abordagem, é de ampliar a reflexão pedagógica dos alunos diante da realidade social que os mesmos estão

inseridos. Para se desenvolver essa reflexão os alunos se apropriam do conhecimento científico mediado pelo professor confrontando com o que o mesmo traz no seu cotidiano e enquanto histórico acumulado de ideologias, atividades e relações dos alunos em sociedade.

O currículo capaz de dar conta de uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares tem como eixo a constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade social complexa e contraditória. Isso vai exigir uma organização curricular em outros moldes, de forma a desenvolver uma outra lógica sobre a realidade, a lógica dialética, com a qual o aluno seja capaz de fazer uma outra leitura. Nesta outra forma de organização curricular se questiona o objeto de cada disciplina ou matéria curricular e coloca-se em destaque a função social de cada uma delas no currículo/ Busca situar a sua contribuição particular para explicação da realidade social e natural no nível do pensamento/reflexão do aluno. Isso porque o conhecimento matemático, geográfico, artístico, histórico, linguístico, biológico ou corporal expressa particularmente uma determinada dimensão da "realidade" e não a sua totalidade. (coletivo de autores, 1992, p.17)

A visão de totalidade é construída pelo aluno a partir do momento que ele consegue elaborar uma síntese do seu pensamento através da organização e sistematização do conhecimento. Essa abordagem trabalha com os ciclos de escolarização sendo que estes funcionam de maneira espiral do simples para o mais complexo, sendo assim:

Nos ciclos, os conteúdos de ensino são tratados simultaneamente, constituindo-se referências que vão se ampliando no pensamento do aluno de forma espiralada, desde o momento da constatação de um ou vários dados da realidade, até interpretá-los, compreendê-los e explicá-los. (Coletivo de autores, 1992, Pg. 23).

Essa abordagem trabalhava com os ciclos de escolarização sendo que estes funcionam de maneira espiral do simples para o mais complexo, sendo assim:

Primeiro ciclo: Da primeira escola até a 3ª série e consiste na organização de identidade dos dados da realidade, pois os mesmos ainda aparecem confusos para os alunos.

Segundo ciclo: Da 4ª a 6ª série consiste na iniciação de tomada do conhecimento e começo de sistematização do mesmo.

Terceiro ciclo: 7ª a 8ª série consiste na ampliação da sistematização do conhecimento, conseguindo fazer uma leitura teórica da realidade.

Quarto ciclo: 1ª, 2ª, 3ª séries do ensino médio consiste na reflexão do aluno em relação ao objeto, onde o mesmo consegue sistematizar suas ideias, adquirindo propriedade para ser produtor do próprio conhecimento científico. O qual utilizaremos esses norteadores na pesquisa, por se tratar de intervenções com uma turma de primeiro ano do ensino médio.

Sobre os espaços as aulas de educação física não são ministradas propriamente exclusivamente em quadras, mas também em espaços livres:

Quanto à questão do espaço, o tratamento dado ao conhecimento nessa área, articulado organicamente à organização do tempo, exige que na escola se construam espaços diferenciados das outras disciplinas. As aulas de educação física são ministradas exclusivamente em espaços livres: quadras, campo, terrenos, e, na ausência destes, em praças em clubes situados nas imediações das escolas. (Coletivo de autores, 1992, p. 25)

De acordo com o coletivo de autores (1992) a educação física dentro dessa abordagem trata do conhecimento e dos conteúdos da cultura corporal no ambiente escolar, o que justifica a adesão das práticas corporais de aventura no ambiente escolar pelo fato de que os conteúdos devem ter significativa relevância social, ou seja, o professor leva em conta a relação social e histórica dos alunos para seleção dos conteúdos e para os mesmos terem sentido para os mesmos, outro princípio é o de contemporaneidade do conteúdo, onde se deve levar aos alunos desde o conteúdo mais moderno ao mais contemporâneo e levar em conta as possibilidades sociocognitivas dos

alunos, e por ultimo levar em conta a simultaneidade dos conteúdos, onde os conteúdos devem ser trabalhados de forma simultânea no universo politico e social dos alunos.

Tratar desse sentido/significado abrange a compreensão das relações de interdependência que jogo, esporte, ginástica e dança, ou outros temas que venham a compor um programa de Educação Física, têm com os grandes problemas sócio-políticos atuais como: ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações sociais do trabalho, preconceitos sociais, raciais, da deficiência, da velhice, distribuição do solo urbano, distribuição da renda, dívida externa e outros. A reflexão sobre esses problemas é necessária se existe a pretensão de possibilitar ao aluno da escola pública entender a realidade social interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses de classe social. Isso quer dizer que/cabe à escola promover a apreensão da prática social. Portanto, os conteúdos devem ser buscados dentro dela. (Coletivo de autores, 1992, p.42)

A avaliação dentro dessa abordagem metodológica retrata os momentos formais, mas também os momentos informais das aulas, desde a parte do planejamento ate o momento efetivo da aula.

O que se pretende é deixar evidente que a avaliação não se reduz a partes, no início, meio e fim de um planejamento, ou a períodos predeterminados. Não se reduz a medir, comparar, classificar e selecionar alunos. Muito menos se reduz a análise de condutas esportivo-motoras, a gestos técnicos ou táticas.(coletivo de autores, 1992, p. 81)

A partir dessa avaliação nos momentos formais e informais, os estudantes podem se expressar de maneira mais aberta acerca das opiniões referentes á aula, o que foi importante no momento de análise da pesquisa retratado no capítulo 3.

A partir da compreensão do trato metodológico com as práticas e do significado das mesmas, conseguimos trabalhar os conceitos das práticas

corporais de aventura na natureza, apresentando as diversas práticas para os estudantes que juntamente com os pesquisadores apontaram as possibilidades de inserção das práticas corporais na escola, as aulas seguintes foram de iniciação em slackline com atividades que ampliam o repertório da cultura corporal incentivando o desenvolvimento motor do simples para o mais complexo em forma de espiral, valorizando a subjetividade dos estudantes.

### 2.3. Metodologia do ensino da educação física

Os dados para a revisão de literatura foram coletados através de um software chamado **NVIVO**, que ajuda na organização e análise das informações do texto, através desse programa os textos foram selecionados em uma pasta que se tratava apenas de materiais sobre práticas corporais de aventura no ambiente escolar, sejam eles em PDF, WORD ou digitalizados da internet, após a inserção destes textos na pasta, podemos analisar as nuvens de palavras referentes aos textos, e filtrar as palavras mais citadas no decorrer dos mesmos, o terceiro passo do programa consiste em marcar no texto onde essas palavras aparecem, o que facilita a análise por temas específicos.

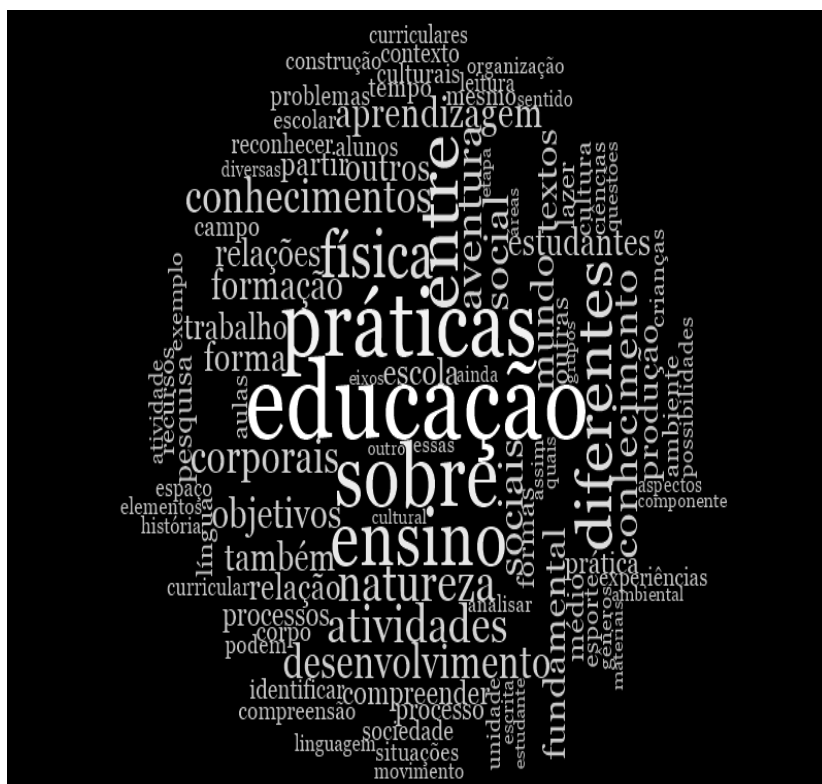


Foto referente a nuvem de palavras- NVIVO

As palavras mais citadas no decorrer do texto foram educação, física, aventura, alunos, escola, atividades, corporais, lazer, professor... Assim a partir dessas palavras foi possível elencar tópicos de análise dos textos coletados, como por exemplo: Educação foi a palavra que mais apareceu no texto, e física na maioria das vezes vinha precedido pelas palavras educação, atividade ou práticas, mas sobretudo educação, quando se aparecia a palavra professor na maioria das vezes estavam relacionando ao papel do mesmo, sistematização dos conteúdos por parte do mesmo, planejamento e a partir desses tópicos elencamos o tema formação, e assim com outros tópicos como escola e lazer que apareciam como palavras separadas mas o contexto aparecia de diferentes formas de acordo com os diferentes autores.

Portanto os tópicos elencados foram: educação, lazer, escola, formação, atividades corporais e práticas corporais de aventura.

### 2.3.1 Educação

Segundo Marinho e Schwartz (2005) a educação através das práticas corporais de aventura, contribuem de maneira significativa para a transformação humana social e para reflexão de possibilidades de preservação ecológica, sendo assim essas mudanças ocorrem de maneira espontânea, através da mudança de comportamento e atitudes, na forma de ver a natureza com uma finalidade de educação para o lazer.

Devido ao atual interesse por tais práticas, propulsionado com amparo mercadológico, as mesmas têm recebido um crescente número de adeptos de diferentes formações culturais, faixas etárias, níveis sociais, campos de atuação profissional, tornando-se um instigante desafio, no que tange ao respaldo e conhecimentos necessários para uma atuação prática com qualidade e que possa favorecer experiências verdadeiramente significativas. Elas vêm, embora timidamente, porém de forma cada vez mais recorrente, recebendo atenção de profissionais de diferentes áreas e sendo inseridas nos contextos escolar e universitário, seja por meio de cursos de extensão à comunidade e aos alunos ou como disciplinas optativas. ( Marinho e Schwartz, 2005, p.2).

E importante salientar que através dessas práticas obtemos uma oportunidade cultural que possibilitam redimensionar novas possibilidades de educação, nesse momento de forma espontânea, são estipulados desafios para a concretização de mudança de comportamentos e atitudes por meio das práticas e atividades de lazer, procurando por meio dessas, diminuir a discriminações e abrir novas possibilidades de interdisciplinaridade para trabalhar a educação social e ambiental, não só dentro da educação física mas em outras áreas do conhecimento.

A educação possui caráter decisivo na vida do ser humano, podendo gerar educação por canais formais e informais, através de experiência e criação promovendo integração e qualidade de vida. Nas práticas corporais essa educação pode ocorrer tanto de maneira formal, como informal o que depende da condição que o individuo se encontra, seja enquanto praticante (aprendizagem informal pela vivencia e experiência), ou orientador (aprendizagem formal pelo planejamento e previsão de riscos).

Segundo Marinho (2005) a educação ambiental é comentada em vários artigos como meio informal de educação que por fim trabalha a educação para o lazer, além de estudar as complexidades nas quais a educação ambiental está inserida podemos associar esse tema ao seu aspecto cultural relatando acerca dos modos de produção e como isso interfere na vida de pessoas e grupos sociais, ou seja, se pensarmos para além da palavra educação o ambiental, esta nos refere a um processo educacional mais amplo e com suas especificidades.

Para que ocorra uma educação ambiental é necessário a sensibilização coletiva, para se solucionar e enfrentar os processos que acontecem no decorrer da prática, além de problemas que acontecem fora da prática mas no espaço da mesma, portanto dentro desse contexto podemos associar a educação ambiental a outros conhecimentos que influenciam na mesma, através de uma interdisciplinaridade e através de exercícios e jogos ou desafios estipulados aos praticantes.

A autora dentro desse contexto trata da educação para a cidadania, onde os praticantes se dão conta das contradições presentes tanto na sociedade como no próprio ambiente da prática garantindo a humanização dessas pessoas em relação ao ambiente, de certo modo sem a percepção dos sentimentos, não existe possibilidade de transformação da vida, portanto dentro dessas práticas o indivíduo consegue se perceber através da experiência, e através dessa experiência ocorre uma melhor percepção dos sentidos os quais permitem que o indivíduo receba uma educação informal por algo que lhe exprime um sentido.

Segundo Rodrigues e Darido (2006) os esportes de aventura no ambiente escolar estão sendo inseridos dentro de uma temática ligada ao meio ambiente, o que possibilitaria uma amplitude significativa para a experiência e debates durante as aulas tanto de educação física, quanto em outras disciplinas, levando questões da educação ambiental e da educação para o lazer ligada a natureza.

Os autores propõem uma ligação entre o tema saúde e meio ambiente através da educação física, onde o tema saúde esta exposto de maneira ampla

envolvendo fatores sociais, ambientais, culturais, educacionais, físicos e entre outros... Essa concepção deve amparar as complexidades das relações do indivíduo e o meio considerando os fatores sociais e não só os físicos.

A interface entre a saúde e o meio ambiente abre significativas possibilidades pedagógicas em aulas de Educação Física e pode ser abordada como uma temática social. O entendimento de saúde deve estar vinculado a uma política pública, direcionada a toda a população e não a uma elite, a intervenção não esteja restrita a uma única ação (praticar atividade física), esquecendo os fatores sociais, econômicos, culturais, educacionais, etc. (Rodrigues e Darido, 2006, p. 4).

Através dessa proposta os alunos teriam autonomia para debaterem sobre temas relacionados a saúde tanto nas práticas, quanto nos programas de saúde pública, a educação através das praticas corporais de aventura viria no sentido de ampliar o contexto de saúde e resignifica-lo com as relações que este tema estabelece na vida dos estudantes.

Outra proposta de educação desses autores, está mais voltada para educação ambiental relacionada aos espaços disponíveis para as aulas de educação física, visto que o sol forte e as chuvas na quadras externas, atrapalham tanto nas aulas, como na preservação do espaço, essa situação problema tem a possibilidade de gerar um novo projeto na escola que propõe o plantio de arvores na escola que levam diversos aspectos em consideração, os quais deveriam ser aprofundados por uma educação ambiental, para se identificar o tempo de crescimento das arvores, o posicionamento das mesmas, o clima ideal para cada arvore, e tudo isso a partir de uma necessidade de problematização acerca de alguns aspectos das aulas de educação física.

A análise da incidência de sol e chuva em quadras externas e as soluções para a diminuição das interferências negativas dos fatores climáticos nas aulas poderiam configurar-se em um projeto de trabalho. Alguns encaminhamentos seriam, no caso da incidência de sol, os plantios de árvores que deve levar em consideração o tempo de crescimento, o posicionamento, o tipo de árvore e de copa, as correções no solo para melhor germinação, o espaçamento entre as árvores como também a construção de uma cobertura artificial.

Poderia ser avaliado o material a ser utilizado, o impacto ambiental gerado para a construção da cobertura, produção da

matéria-prima a ser utilizada, a disponibilidade de recursos financeiros, a forma de captação... A partir da problematização de um fato relacionado à aula de educação física, estaríamos mobilizando uma série de conhecimentos (conceituais, procedimentais e atitudinais) que poderiam ser extremamente úteis ao cotidiano dos alunos sobretudo pelo fato de estimular a vivência social cidadã. (Rodrigues e Darido, 2006, p. 3).

Segundo Marinho e Inácio (2007) o contexto que a educação esta inserida na atividade de aventura, foge o contexto de exclusão do mero processo esportivo formal, estes dizem que o debate relacionado ao meio ambiente e educação física é recente, porem existem alguns pontos primordiais que podem contribuir no debate: a relação homem natureza que nessas atividades são mediadas pela aventura; a interdisciplinaridade do tema educação ambiental que percorre áreas da geografia, sociologia e a relação da educação física com a educação ambiental.

Estes também relatam acerca da ação antrópica, como uma ação com varias variáveis de tempo, cultura, espaço, econômicas, religiosas e de acordo com essas variáveis essa ação sobre o meio pode ser nociva ou benéfica. Esse pensamento nos remete a importância dos estudos relacionados a educação física e meio ambiente, destacando o importante papel da educação ambiental, visto que as práticas corporais de aventura, vêm cada vez mais se afastando do âmbito do lazer relacionado ao turismo e se aproximando da área da educação física escolar, por isso a necessidade de formação acerca do tema dentro da área de educação física, e a necessidade de reaproximação do homem a natureza de maneira benéfica, pela qual o homem vai criar novas formas de relacionar com o meio natural levando esses aprendizados para a vida pessoal e cotidiana.

Com base nessas premissas, enfatizamos a importância de focar a reflexão sobre a relação entre a educação física e o meio ambiente. Iniciativas como essa apontam para um estreitamento significativo dessa relação por meio do lazer, seja ele no turismo ou não. Também, como já apontado, é preciso assinalar um debate sobre essas atividades de aventura como conteúdo da formação profissional e da educação física escolar. Nessa perspectiva, seguimos as discussões com foco nas contribuições da educação física a esse movimento de reencontro dos seres humanos com a natureza. (Marinho e Inácio, 2007, p.63).

.Segundo Armbrust (2008) a educação física assim como outras áreas de conhecimento é cíclica e a cada dia sofre transformações seja no conteúdo, nos conceitos ou na didática, o autor aponta acerca da educação física contemporânea e a proposta de práticas corporais de aventura se faria emergente dentro do contexto dos esportes radicais e das ações de aventura, que já foram reconhecidos pelos parâmetros curriculares nacionais mais ainda não se encontravam formalmente no ambiente escolar.

O autor relata que o skate é um dos esportes mais praticados no Brasil e que as atividades de aventura sofre pré-conceitos, por se contrapor o que é comum e proposto nas escolas, porque dentro dessas atividades o aluno exerce de maneira mais livre a experiência do criar, reinventar e intensifica o experimentar, o que rompe com o modelo formal da escola de 300 anos.

Tais atividades sofrem pré-conceitos negativos por transgredir o que há de proposto, onde muitas vezes, o praticante não encara o ambiente como um ser pacato, mas como um ser ativo que interage com o meio, experimenta, reinventa, dá novo significado e aprende.

Essas ações podem contribuir para as aulas de educação física escolar ou em atividades extracurriculares, não sendo necessário abordá-las separadamente, mas num conjunto harmonioso e que haja reflexão dos acontecimentos. (Armbrust, 2008, p.1).

A proposta do autor relacionada a educação é que a prática esteja vinculada a reflexão dos acontecimentos presentes na mesma , e da reflexão sobre o conteúdo proposto, assim o professor deve estar sempre atualizado acerca de novas propostas possíveis no ambiente escolar, procurar sempre atualizar sua formação, e elaborar, novas atividades e trazer da melhor maneira esses conteúdos para o ambiente escolar.

### 2.3.2 Lazer

Segundo Marinho (2005) o lazer juntamente com a educação ambiental, dentro das práticas corporais de aventura são ações estratégicas que nos possibilitam um diálogo e uma reflexão acerca do contexto alienado e consumista que estamos inseridos, o que levara a mudança de comportamentos, e de forma de discernir sobre o mundo.

Assim os indivíduos devem ser capazes de observar as diversas possibilidades de mudanças que o lazer nos oferece, sejam estas mudanças culturais, sociais ou ate mesmo de aceleração tecnológica. Assim a autora retrata o lazer como um direito social explicito na constituição que se trata de um fator fundamental na contribuição para a cidadania.

Portanto os indivíduos devem ser capazes de observar as diversas possibilidades de mudanças que o lazer nos oferece, sejam estas mudanças culturais, sociais ou ate mesmo de aceleração tecnológica. A partir disso a autora retrata o lazer com um extremo potencial de inovação, que propicia a ressignificação das práticas e das dimensões das práticas, produzindo cultura, e exercendo papel fundamental no campo da cidadania.

Portanto, como já afirmei em outro momento (MARINHO, 2003), é preciso que sejamos capazes de perceber as potencialidades das práticas de lazer diante das mudanças sociais e culturais contemporâneas, traduzidas em movimentos complexos, associados aos novos padrões de competitividade e à aceleração tecnológica, por um lado, e, por outro, capazes de estabelecer uma configuração inovadora por todas as esferas humanas e, por consequência, nos significados do lazer e da própria natureza. Assim como a educação ambiental, o lazer também, muitas vezes, é entendido no singular, como uma possibilidade unidimensional. Para dar sentido a ambas dimensões, é preciso entendê-las em um contexto múltiplo de possibilidades e interesses, como parte de uma teia complexa de relações, influenciando e sendo influenciadas, não devendo ser responsabilizadas isoladamente por qualquer mudança pretendida, como tão bem alerta Sorrentino (2002), ao se referir, particularmente, à educação ambiental (Marinho, 2005, p.2)

Segundo Rodrigues e Darido (2006) o lazer além de um tema transversal relacionado a prática, meio ambiente e educação física, é um direito essencial do homem contemporâneo, além de uma das formas de vincular uma relação entre sociedade e meio ambiente, portanto um direito vinculado ao exercício de cidadania por meio da educação física, para se ter espaços para as práticas corporais, assim envolve-se uma discussão sobre a disponibilidade dos espaços públicos para a população, ressaltando as atividades de aventura ou atividades corporais como não apenas privilégios de esportistas, ou de pessoas que possuem condições financeiras para pagar, mas atividades com direito de livre acesso a todos os civis.

A efetivação da cidadania pela Educação Física, passa pelas discussões envolvendo o lazer e a disponibilidade de espaços públicos para as práticas da cultura corporal de movimento. Essas são necessidades essenciais ao homem contemporâneo e, por isso, direitos do cidadão. (Darido e Rodrigues, 2006, p.3).

Portanto os professores podem criar e estabelecer ações pedagógicas significativas, para buscar alternativas de participação efetiva dos civis em determinadas práticas e utilização dos espaços de lazer, refletir acerca da extinção e privatização desses espaços, que por sinal são necessários para a prática, pratica essa que como já foi dito é um direito dos cidadãos.

Segundo Armbrust (2008) os esportes radicais estão cada vez mais explícitos em palestras pelo fato de que este tema esta vinculado ao meio do lazer, esporte e educação. O autor relata acerca do crescimento do numero de praticantes com finalidade no lazer, portanto não se observa as práticas no ambientes educacionais, e um dos motivos seria o despreparo de profissionais para atender a demanda dessas praticas contemporâneas , portanto essas práticas são de extrema importância para tratar acerca de diferentes estímulos motores.

Os esportes radicais estão sendo cada vez mais abordados em cursos e palestras devido ao interesse dessas novas práticas que surgem como meio de lazer, esporte e educação. Todavia, há um despreparo profissional para atender essas atividades, o

que dificulta implantar tais práticas nos âmbitos educacionais. (Armbrust, 2008, p.1).

Segundo Tahara e Darido (2014) as práticas corporais de aventura são conteúdos da educação física, que se propõem a estudar as práticas corporais que estão ligadas diretamente ao campo do lazer e da saúde, estes autores associam as práticas corporais como os outros conteúdos da cultura corporal de movimento.

Para os autores as práticas corporais de aventura na natureza pode ser analisada dentro do contexto do meio ambiente e das relações estabelecidas pelo homem e o meio, propondo então discussões relacionadas a educação ambiental e educação para o lazer com os alunos, o que está amplamente vinculado a educação física e suas possibilidades.

Para fundamentar a intenção deste ensaio em utilizar as práticas corporais de aventura, remete-se às afirmações de González e Fensterseifer (2010), que entendem "... a Educação Física enquanto componente curricular que deve ocupar-se com o estudo do conjunto de práticas corporais sistematizadas que se vinculam com o campo do lazer, o cuidado do corpo e a promoção da saúde" (p.15). Os autores acrescentam que as acrobacias, a dança, o esporte, as lutas, entre outros, podem ser encaradas como práticas corporais que fazem parte do campo de estudo da Educação Física, evidenciando também neste conjunto as práticas corporais de aventura (Tahara e Darido, 2014, p.61).

Segundo Franco (2010) nas últimas décadas houve um desenvolvimento bastante acentuado das atividades de aventura no Brasil, portanto esse desenvolvimento não ocorreu por meio da educação física, mas sim por meio do turismo e seus segmentos, entretanto se falamos no contexto do lazer, a educação física terá uma participação, porém não como protagonista.

Com o passar dos anos umas onde ecoturística criou substratos para a ascensão das atividades de aventura, através de criação de parques temáticos e hotéis estruturados em reservas ambientais possibilitando o acesso a natureza, e reaproximação do homem com a mesma.

Ficou mais fácil o acesso a natureza por parte dos praticantes e iniciantes nas modalidades de aventura, bem como a diversidade de esportes e de locais estruturados para a prática. Mesmo com pouco tempo de surgimento das práticas de Atividades de Aventura, antes restritas a população de classe média alta e alta, já estamos experimentando certo “equilíbrio químico” de várias de suas modalidades em faixas sociais mais baixas. Vários praticantes e atletas vão a natureza; praticam a modalidade; retornam a cidade e, para não se distanciarem das sensações que a aventura proporciona, procuram vivenciar simulações da modalidade praticada. (Franco, 2010, p.93, 94).

Esse movimento social da relação ecoturismo, esportes na natureza e maior aproximação do homem a natureza, foi aproveitado pela mídia para a transformação dos esportes no meio natural em esportes de espetáculo, com fins mercadológicos, assim os esportes de aventura se aproximaram mais das pessoas, porém os equipamentos para a prática foram se tornando cada dia mais caros.

### 2.3.3 Escola

Segundo Marinho e Schwartz (2005) as atividades de aventura tem sido tratadas como formas de recreação e lazer e quase sempre não estão presentes no ambiente escolar, pelo fato de que rompem com um modelo de educação formal que estão inseridos dentro das instituições, portanto existe uma marginalização dessas atividades dentro da escola, e como contradição existe o interesse crescente dos alunos para conhecer estas práticas, o que mostra que as mesmas tem relevância na vida dos alunos, é importante ressaltar que essas práticas exigem conhecimentos relacionados a conteúdos e segurança assim como os outros conteúdos da área de educação física.

Assiste-se assim, a uma relativa marginalização destas atividades por parte da escola, em contraponto com o interesse crescente dos alunos pela prática destas atividades fora dela, que se traduz, muitas vezes, pelo aumento do número de acidentes, devido a estas práticas exigirem conhecimentos que nem sempre estão presentes ou devidamente consolidados (Pereira; Monteiro, 1995, p.113).

Para que essas atividades sejam implantadas como conteúdos da educação física escolar, o primeiro passo seria a análise do contexto educativo das práticas para o seu desenvolvimento, sistematizando as mesmas, e trazendo-as para o contexto escolar.

Outro ponto para inserção dessas práticas no ambiente escolar é a do risco, o que está presente em qualquer prática da vida humana portanto, se constroem pré- conceitos relacionando o risco diretamente as práticas corporais de aventura, e importante frisar que o professor que propõe essas práticas na escola deve ter formação acerca do tema, e os alunos não são meros espectadores mas constroem conjuntamente a prática com segurança e equilíbrio.

A aproximação dos espaços naturais pelos seres humanos, aproxima também essas práticas dos ambientes institucionais e propõe uma reflexão acerca de valores da práticas e suas relações.

O foco dessas atividades na escola e que de maneira qualitativa os alunos juntamente com o professor possam transpor esses conteúdos também para fora da escola, possibilitando aprendizados e novas formas de manifestações que fogem a maneira estanque de uma disciplina curricular fixa e técnica podendo trabalhar de maneira interdisciplinar essas práticas.

A intensificação de uma aproximação qualitativa dos seres humanos ao ambiente natural pode acelerar esse processo, tornando eficiente o sonho de harmonia e, nos espaços institucionais, como a escola, esta pode representar uma perspectiva excelente para a reflexão de valores catalisadores dessa relação. (Marinho e Shwartz, 2005, p. 5).

Outra questão bastante pertinente tratada pelo autor que deve ser tratada no âmbito escolar é a educação ambiental, visto os locais de desenvolvimento das atividades de aventura como espaços privilegiados e que devem ser respeitados como uma diferente forma de vida, o que contribui para a transformação humana e social do individuo.

O privilegio da educação física no contexto das práticas seria a possibilidade de interdisciplinaridade e a possibilidade de experiências práticas e vivencias subjetivas através do repertorio motor, facilitando as compreensões

tanto subjetivas e pessoais de sentimentos durante a prática como o desenvolvimento de reflexões acerca das questões ambientais e da importância do meio, e isso ocorre dentro do contexto escolar, com atividades ao ar livre fora do contexto de quadras delimitadas ou salas fechadas.

Segundo Rodrigues e Darido (2006) existem possibilidades de ligações bastantes pertinentes para serem trabalhadas envolvendo o tema escola, meio ambiente e educação física, para desenvolver encaminhamentos pedagógicos acerca da relação de análise dos ciclos da natureza e dos ciclos corporais dentro da escola.

Os autores abordam o tema escola e a relação com a educação física trazendo questionamentos acerca da aproximação presente entre o tema meio ambiente e educação física escolar, e como poderia ser essa aproximação, desde a abordagem pedagógica a ser utilizada até a pesquisa de que se o ambiente escolar poderia subsidiar essa relação.

Assim há uma necessidade de aprofundamento nos conceitos para traçar relações possíveis ou pertinentes dos mesmos, um dos conceitos que devem ser ampliados seria o conceito de meio ambiente entendendo que esse não é apenas um meio, mas promove relações de construções e significados, a partir da compreensão ampla de meio ambiente podemos inseri-lo na escola dando um sentido diferenciado a esta, que também não está isolada e trata-se de um universo bastante amplo. A educação física pode construir um campo onde o desafio seja abordar e relacionar esses significados com a disciplina.

“A problemática da inadequação do espaço físico para a prática de atividades corporais também pode ser identificada no interior das escolas, especialmente das públicas.” (Rodrigues e Darido, 2006, p.4)

Dentro do estudo do contexto do que é a escola, surgem dúvidas acerca dos espaços físicos, principalmente em escolas públicas, é ingênuo acreditar que os problemas relacionados a espaços sejam resolvidos com a construção de quadras, assim os envolvidos da escola devem pensar em possibilidades de extinção desse problema, e as práticas corporais se encaixam bem nesse

contexto, por utilizarem espaços ao ar livre e muitas das vezes o necessário para se haver um espaço físico é apenas a preservação.

A depredação dos prédios escolares ocorre da mesma forma de depredação da natureza, e muitas das vezes é difícil a construção de um novo equipamento ou plantio e restauração natural, é importante refletir sobre isso com os alunos, trabalhando para se desenvolver algumas atitudes acerca de preservação e conservação dos espaços.

Através desses diversos exemplos os autores trazem algumas ligações bastantes pertinentes para serem trabalhadas envolvendo o tema escola, meio ambiente e educação física.

Segundo Tahara e Darido (2014) as práticas corporais de aventura em ambiente escolar estão ligadas a temática da educação para o lazer e da educação ambiental, os autores procuram justificar o tema práticas corporais, ao invés de atividade física de aventura ou esportes de aventura por essa terminologia dar um sentido mais sistematizado a proposta escolar que se que obter a que os outros autores trazem, da educação física com vínculo ao meio ambiente e a escola.

Na literatura específica se encontra frequentemente os termos AFAN (Atividades Físicas de Aventura na Natureza), Esportes de Aventura, Esportes Radicais, Atividades de Aventura, entre outros, e por isso no decorrer deste trabalho será mantido a terminologia original utilizada por cada autor citado. O motivo pela referida escolha em adotar o termo “práticas corporais” ao invés de “atividades”, como entende Franco, Cavasini e Darido (2014, p.105), deve-se ao fato desta terminologia “dar um sentido mais sistematizado a esse conjunto de conhecimentos que, espera-se, seja incluído mais frequentemente em propostas escolares e nos núcleos do Programa Segundo Tempo (PST)”, sendo que as mesmas podem ocorrer tanto no meio urbano ou na natureza. (Tahara e Darido, 2014, p.57).

#### 2.3.4 Formação

Segundo Marinho e Shwartz (2005) apesar dos interesses relacionados as práticas corporais de aventura e seu rápido crescimento, estas práticas ainda estão se inserindo tanto no ambiente natural quanto no contexto escolar.

Mesmo com o interesse despontado e com o seu rápido crescimento em diferentes instâncias (econômica, social, esportiva, religiosa, etc.), as atividades de aventura no meio natural parecem estar encontrando eco, ainda que tímido, junto ao contexto educativo (Marinho e Schwartz, 2005, p.2).

A transmissão dessas práticas raramente é feita pela via escolar, geralmente são feitas de maneira técnica para grupos e entidades e são ministradas por agentes de lazer ou turismo, que muitas das vezes não possuem habilitação para ser guia dessas praticas.

A formação do agente de lazer enfrenta vários desafios pelo fato de que estes entram na discussão da relação ser humano e natureza despertando um viés ecológico de mudança de comportamento ou de contemplação da natureza.

Portanto essas práticas assim como no ambiente natural, vem crescendo timidamente no ambiente escolar dentro de um contexto educativo, que trabalha as práticas de maneira mais ampliada. Segundo Franco (2010) o professor deve estar capacitado para evitar acidentes, e alguns incidentes durante as aulas, além de estar preparado para ministrar as atividades físicas de aventura.

Além disso, o professor deve estar capacitado para isso, e principalmente, apto para evitar e resolver acidentes e incidentes. Porém, mesmo assim, desde o final dos anos 90, tenho por mim que esse conteúdo pertence a Educação Física e deve ser popularizado.(Franco, 2010, p.91)

Apesar da necessidade de formação, essas atividades também estão se tornando atividades elitistas que possuem necessidade de equipamentos específicos, que muitas das vezes precisam ser adaptados, quando na realidade da escola a aquisição desses materiais e de difícil acesso, pois as preferências da instituição são voltadas para a compra de materiais esportivos.

Segundo Rodrigues e Darido (2006) existem varias propostas de analise de ciclo corporais relacionados ao meio ambiente que caracterizam as

práticas corporais de aventura e essas propostas relacionadas ao tema, só serão viáveis se os profissionais da educação se apropriarem das mesmas, e proporem uma transformação da realidade em que a escola se encontra.

Os temas relacionados à análise dos ciclos corporais e suas relações com os ciclos da natureza, as interferências climáticas, a disponibilidade e o estado de conservação dos espaços públicos e privados de esporte e lazer como também os espaços destinados às aulas de Educação Física, as relações que se constroem a partir da aproximação entre as temáticas da saúde e do meio ambiente, a análise crítica relacionada às propostas dos esportes de aventura como um estímulo à preservação do meio ambiente, configuram-se como propostas e encaminhamentos pedagógicos. Tais propostas bem como as sugestões de tratamento metodológico só se tornarão viáveis, se os profissionais apropriarem delas e as transformarem, tendo em vista a realidade onde se encontram. (Darido e Rodrigues, 2006, p.6).

Segundo Marinho e Inácio (2007) a inclusão de novos conteúdos relacionados a práticas corporais de aventura, nos cursos de formação em graduação, seria essencial para a vivência de práticas mais qualitativas e de certa forma isso contribuiria para a formação da cidadania, onde os cidadãos refletiriam acerca das questões que se referem à natureza. Estes autores ressaltam acerca da diferença do ser humano para os outros seres pelo conhecimento, sendo que conhecimento seria o poder de fazer, este poder requer um engajamento ético, ou seja, haverá um reflexo das características individuais, assim as pessoas podem tratar a natureza ou o espaço que vivem de forma ética ou não. Assim também acontece com os conhecimentos acadêmicos, e observa-se então uma necessidade de formação para gerar um conhecimento transformador, e trabalhar da melhor maneira com o tema da educação ambiental nas escolas.

Retomando os cursos de formação, importa ressaltar um dos aspectos que nos diferenciam (de alguma forma) de outros seres: o conhecimento. É este que pode, ou não, remeter-nos a um comportamento ético, pois conhecimento é poder e o uso desse poder requer também um engajamento ético, sem o que caímos em mais uma das muitas formas de dominação, seja da natureza, seja de outros seres. Assim, além dos conhecimentos acadêmicos (equipamentos, técnicas, conhecimentos básicos de fisiologia, biomecânica, didática etc.), há que produzir, nos cursos de formação, um outro saber,

partilhado, solidário, transformador. Talvez, o que vem sendo chamado de educação ambiental caminhe nessa direção. Há que se explorar com mais profundidade esse tema. (Marinho e Inácio, 2007, p.65).

Segundo Armbrust (2008) o professor de educação física deve sempre buscar formação e capacitação para elaborar estratégias pedagógicas de atividades, para a proposição de práticas corporais de aventura no ambiente escolar, sejam essas praticas do meio natural ou urbano.

Cabe ao professor de educação física se atualizar e se capacitar em cursos para elaborar seqüências pedagógicas de novas práticas corporais e reformular as atividades e conteúdos nos âmbitos educacionais. As instituições universitárias devem oferecer cursos e disciplinas voltadas aos esportes radicais, de aventura e de ação para atender esse mercado promissor (Armbrust, 2008, p.2).

Portanto é importante ressaltar que os conteúdos relacionados a educação física são amplos, até porque a mesma abrange diversas potencialidades, sejam elas no campos sociais, intelectuais e pessoais dos estudantes e da escola, portanto o conteúdo específico da mesma é muito amplo e os professores não conseguem dominar todas as práticas.

### 2.3.5 Atividades de aventura e práticas corporais de aventura.

Segundo Marinho e Schwartz (2005) as atividades de aventura são compreendidas como diversas práticas manifestadas nos momentos de lazer, que possuem características inovadoras que as diferenciam do esporte tradicional, tanto pelas condições para a prática como pela motivação, sensibilização, objetivos, e meios das mesmas.

E crescente as manifestações dessas praticas e estas são manifestadas primordialmente no momento de lazer das pessoas, que se utilizam da natureza para seu desenvolvimento, além de que surgiram através

de expressões criativas da expressão humana e cada vez mais vem sofrendo processos de sofisticação de seus equipamentos e utensílios necessários para a prática.

As atividades de aventura podem acontecer nos espaços da terra, água e ar e permitem uma fluidez entre o praticante e seus espaços, mesmo com o crescimento do interesse pelas práticas, essas ainda estão pouco desenvolvidas tanto no contexto natural quanto educativo.

As atividades de aventura estão sendo compreendidas, aqui, como as diversas práticas esportivas manifestadas, privilegiadamente, nos momentos de lazer, com características inovadoras e diferenciadas dos esportes tradicionais, pois as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento são outros e, além disso, há também a presença de inovadores equipamentos tecnológicos permitindo uma fluidez entre o praticante e o espaço destinado a essas práticas - terra, água ou ar. (Marinho e Schwartz, 2005, p.1).

A partir daí os autores ressaltam acerca de uma necessidade de ligação, entre as três áreas do conhecimento: educação física, ecologia e turismo. Demonstrando a possibilidade de se trabalhar a interdisciplinaridade dentro desse conteúdo, porém preocupados com o lucro as áreas de manifestação dessas práticas, deixam de lado os compromissos exigidos pelas práticas de todos os praticantes e promotores, na mudança de valores e atitudes no âmbito institucional e pessoal.

Assim há uma necessidade por formação na relação da ênfase dos conteúdos, para priorizar a sensibilização dos praticantes e o respeito ao ambiente.

Percebe-se, então, a necessidade crescente do estabelecimento de uma ligação entre essas três áreas do conhecimento (quais, sejam: Educação Física, Turismo e Ecologia), tendo em vista a interdisciplinaridade gerada pelas características das atividades de aventura. Porém, as áreas parecem querer tomar para si apenas os lucros envolvidos, deixando de lado os verdadeiros compromissos que essas práticas exigem de todos, promotores e praticantes. Isso requer mudanças de valores e atitudes, que já são prementes, tanto em âmbito pessoal, quanto em âmbito institucional, havendo a necessidade de os cursos de formação nessas áreas redimensionarem seus enfoques e conteúdos, no sentido de

priorizar a sensibilização necessária para se tornarem multiplicadores desses novos valores. (Marinho e Schwartz, 2005, p.3).

Segundo Marinho (2005) é importante ressaltar acerca da terminologia utilizada para designar as práticas, e a autora optou por “atividades na natureza” por serem práticas que são manifestadas em diversos lugares naturais e suas características se diferem dos esportes tradicionais.

De antemão, é importante mencionar a existência de uma infinidade de termos que pretendem designar e caracterizar estas práticas, tais como: esportes de aventura, atividades outdoor, esportes radicais, atividades físicas de aventura, esportes selvagens, dentre tantos outros. Talvez essa própria falta de consenso sobre a terminologia contribua para uma interpretação superficial do que realmente venham a representar tais práticas. Somente para apontar alguns dos equívocos manifestados em tais expressões, as palavras “esporte” e “radical”, por exemplo, tendem a reduzir as práticas em questão a fenômenos que, muitas vezes, nada têm de esportivos (quando se pensa na burocratização e institucionalização das regras, dos espaços e dos objetivos) ou de radical (uma caminhada por um bosque pode ser simplesmente branda e tranqüila). Por sua vez, o adjetivo “física” atrelado à palavra atividade de aventura parece ser, ao mesmo tempo, redundante e dicotômico. Contudo, não é pretensão, neste artigo, aprofundar-me nesta questão, uma vez que outros aspectos, relativos ao envolvimento com a e na natureza, mostram-se muito mais carentes de intervenções e investigações e, uma vez aprofundados, poderão, posteriormente, contribuir para esta discussão terminológica. Portanto, a opção pela terminologia “atividades na natureza” se deve justamente à amplitude de compreensões e sentidos que a expressão pode abarcar. (Marinho, 2005, p.3,4)

A partir da terminologia a autora delinea algumas características da prática, como os riscos e perigos, que na medida do possível são calculados, esta prática não exige treinamentos prévios e a experimentação ocorre de maneira direta sem finalidade em rendimentos planejados. Com essas características as práticas constroem uma identidade diferenciada dos esportes tradicionais, além de que o espaço utilizado é completamente diferente, trabalha com o aspecto sensível do ser humano alcançando uma dimensão simbólica e imaginária.

O corpo não é apenas receptor mas um campo informacional que emite informações para o meio;

Durante essas situações de aventura, o corpo passa a ser um campo informacional, concebido como receptor e emissor de informação e não como mero instrumento de ação ou coação. Os corpos chegam a enfrentar determinadas regras de realização constantemente revisáveis e sempre submetidas à apreciação dos praticantes. As informações devem ser precisas e, em certas circunstâncias, as tomadas de decisão devem ser rápidas. (Marinho, 2005, p.4).

A autora ainda relata sobre algumas outras características presentes na prática que são possíveis a qualquer ser humano que as pratiquem:

O mergulho, a vertigem, a velocidade, os desequilíbrios e as quedas são características presentes nessas práticas, possíveis a quaisquer pessoas, pois o desenvolvimento e aprimoramento tecnológicos proporcionam, a qualquer um, o deslizar-se no ar, na água e na superfície terrestre, concretizando, como aponta Betrán (1995). (Betrán, 1995 apud Marinho, 2005 ,p. 4).

Segundo Coimbra (2006) as aprendizagens durante as Atividades físicas de aventura na natureza ocorrem de maneira formal e informal, formal para o guia ou orientador que precisa sistematizar o conhecimento não no sentido padrão imposto pelas instituições, mas no contexto de propiciar a prática, e observar o decorrer e desenvolvimento da mesma, informal para o praticante que busca novas experiências e vivências em paisagens naturais que proporcionam a superação de limites físicos e psicológicos, que trabalham a educação experiencial e informal.

Os conhecimentos não acadêmicos muitas das vezes tem seu valor reduzido em relação aos conhecimentos formais, colocando o papel das práticas como apenas diversão e negligenciando a educação informal presente nas mesmas, contudo dentro dessas características, pode-se observar o quanto a prática beneficia tanto os praticantes, os guias ou orientadores quanto o meio.

O guia ou orientador da atividade conhece os diferentes aprendizados implícitos nessa prática, sendo para ele um conhecimento sistematizado, o qual ele, a todo o momento, busca desenvolver, ou seja, neste caso, temos um processo de educação formal.

Já o praticante, geralmente, busca essas vivências, interessado no contato com as paisagens naturais, no bem-estar proporcionado pela atividade física e pela superação dos limites físicos e psicológicos, não preocupado com os aprendizados implícitos na prática e, neste caso; podemos falar em educação informal ou experiencial (Coimbra, 2006, p. 164).

A autora observa algumas características para formatação dos itinerários das atividades como o meio físico, as características psicomotrizas, o impacto sobre o meio ambiente, e as implicações sociopráticas.

O meio físico é extremamente rico e deve ser analisado antes da prática, além que o próprio ambiente para a prática sugere diversos aprendizados e por ser na natureza podem-se haver alterações climáticas.

O próprio lugar sugere inúmeros aprendizados, especialmente pelo fato deste já começar a ser observado mesmo antes da prática, quando se vê uma propaganda, ou se olha um catálogo turístico para escolher entre as opções de locais de visita, ou mesmo, já no local, momentos antes da atividade. Durante a prática, o processo de contemplação da natureza e dos acontecimentos naturais, por si só, promove aprendizados. (Coimbra, 2006, p.164)

As características psicomotrizas estão relacionadas ao trabalho corporal exigido durante e para algumas práticas, como capacidades físicas de força, resistência, velocidade, e habilidades motoras como coordenação motora, lateralidades entre outras...

Através da prática são desenvolvidas novas técnicas e percepção de novos movimentos corporais, o que leva o indivíduo a um autoconhecimento, , auto conceito, auto estima e confiança.

Nesse sentido, nota-se que esta prática leva o indivíduo a um autoconhecimento, sendo constituído por quatro termos relacionados, como aponta Lee-Manoel (in SZAJMAN e MIRANDA. 2002): autoconceito ( percepção do indivíduo de si mesmo), auto-estima ( julgamentos qualitativos e sentimentos

atribuídos a si), autoconfiança( a crença da pessoa em sua habilidade para superar obstáculos e dificuldades) e a percepção de competência( habilidades real percebida pelo próprio individuo). (Coimbra, 2006, p. 165).

Os impactos sobre o meio ambiente ocorrem muitas das vezes durante a prática por emissão de gases, ou deixa de lixos nos locais, e a falta de respeito com o local da prática que possui mudanças repentinas por ser imprevisível. Dentro do contexto das práticas pode-se trabalhar a consciência ecológica dos praticantes em relação ao meio, através da sensibilização dos mesmos para terem cuidados com a natureza e conserva-la.

Para isso os guias devem estar atentos a cursos que trabalham essas práticas de maneira que coloquem a ética, o respeito e o compromisso como norteadores das mesmas.

“Os locais de prática são espaços para troca de experiências e para ampliação dos relacionamentos com os outros praticantes, gerando também, enfim outros conhecimentos.”(Coimbra, 2006, p.167).

A implicações socioprática tratam as aspectos referentes a relações interpessoais antes, durante e depois da prática, porque essas práticas só são possíveis pela presença de uma equipe onde uns auxiliam os outros o que leva segurança aos praticantes.

#### Segundo Rodrigues e Darido (2006)

Em oposição à vertente institucionalizada do esporte espetáculo em que preponderam as práticas mecanizadas, a eficácia do rendimento corporal e a produção de bens e serviços, os esportes de aventura buscam, segundo Costa (2000), resgatar os valores de beleza, auto-realização, liberdade, cooperação e solidariedade. É necessário, então, um olhar mais cuidadoso em relação à inserção dos esportes de aventura e as suas influências no cenário da cultura corporal de movimento.(Costa, 2000, apud Rodrigues e Darido, 2006, p.4,5).

O esporte coloca-se em foco para estudos, após assumir posição de destaque dentro do ponto de vista social, como conteúdo da cultura corporal que possui interfaces com alguns movimentos ambientalistas.

Assim inúmeras pesquisas relacionadas aos esportes têm sido desencadeadas, o que relatam que o esporte vem sendo impulsionado das tendências de ser trago de ambientes internos para ambientes externos. Que relatam uma nova dimensão da relação homem e natureza.

...o cenário desportivo, impulsionado por uma primeira tendência de trazer o desporto do exterior para o interior, para o espaço fechado e coberto, é hoje marcado por uma segunda tendência, nomeadamente a de levar o desporto para o espaço aberto, para o ar livre, para o exterior, para a *natureza*. (Costa, 2000, p. 61)

Segundo os autores a relação entre esportes de aventura e esportes tradicionais podem conter um grande potencial industrial como mostra o quadro de Piageassou (1997) que compara o sistema do pensamento tradicional com o sistema de pensamentos ambientalista:

	Pensamento Tradicional	Pensamento Ambientalista
Paradigma	Produzir ordem	Ordem emerge da desordem
Objetivo	Máximo	Melhor
Pretensões	Performance e eficiência	Prazer e beleza
Modelo de relacionamento	Competição	Convivência e harmonia

**Quadro 2:** Comparação entre o desporto sob a influência do pensamento tradicional e o pensamento ambientalista. (Piageassou, 1997 apud Darido e Rodrigues, 2006, p. 5).

Segundo Costa (2000) a pessoas que optam por modalidades esportivas sob uma ótica ambientalista, tem motivação diferente das pessoas que praticam esportes tradicionais, na pratica ambientalista eles buscam superar seus obstáculos, buscando autoconhecimento, satisfação pessoal, auto realização, nas quais estão presentes ou podem estar presentes, as características de vertigem, desafio, desejo, sonho, fantasia.

As praticas realizadas junto a natureza propiciam uma aproximação de maneira mais ampla entre o individuo e meio, devido a interação com os

espaços naturais, que resulta em experiências sensíveis e mudança de comportamento como respeito e admiração.

O esporte de aventura, sobretudo aquele realizado junto à natureza, representa mais uma possibilidade de aproximação entre o indivíduo e o meio ambiente, devido à interação com os elementos naturais e as suas variações, como sol, vento, montanha, rios, vegetação densa ou desmatada, lua, chuva, tempestade, desencadeando atitudes de admiração, respeito e preservação. Seria ingênuo acreditar que o simples contato com a natureza fosse condição suficiente considerar o indivíduo como defensor do meio ambiente. (Darido e Rodrigues, 2006, p. 6).

A temática relacionada às práticas corporais de aventura é bastante ampla e vem sendo bem exposta pela mídia, o que pode ser considerado como gerador de problemas, pois existe uma pluralidade de ideias e assim é de extrema necessidade o debate para que estas se consolidem com representatividade social na educação física.

Segundo Marinho e Inácio (2007) várias atividades de aventura veem sendo denunciadas por manter um caráter degradante do meio natural ou sensível, por veículos motorizados, rastros de lixo, equipamentos esquecidos dentre outros, para os autores o acesso livre influencia e possibilita a degradação do meio. Porém em contrapartida, pelo livre acesso vários tipos de pessoas independente de classe social ou cultura, podem ter acesso a esse ambientes e atividades garantindo um acesso mais democrático.

Nas práticas corporais na natureza, quando o acesso é livre, muitas vezes, acontece um esgotamento indireto, ou seja, o recurso propriamente dito não se esgota (cachoeira, caverna, rio); mas elementos constituintes da fauna e da flora do entorno são destruídos e podem desaparecer, acarretando efeitos ecossistêmicos invisíveis no momento, mas cuja ausência, em longo prazo, será ampliada por meio de outros efeitos colaterais (Marinho e Inácio, 2007, p.58).

Um bom exemplo de local natural que possui acesso livre é a praia, na qual você encontra pessoas de diversas origens, com diferenças sociais, econômicas e culturais porém ainda existem resquícios de propriedade privada

como alocação de cadeiras, guarda-sol, wi-fi, e assim há uma dificuldade de fiscalização para fazer se cumprir a legislação e violação dos direitos, porém quando cobrado a prática de atividades de aventura torna-se fonte de exclusão.

A busca pela aventura caracteriza-se pela emergência histórica de imagens, valores, conhecimentos, metáforas e paradoxos, intimamente atrelados à condição humana na sociedade contemporânea, os quais têm a singular capacidade de influenciar na vida social como um todo. Por isso, é importante não negligenciarmos esse movimento que traduz os anseios, bem como as frustrações dos seres humanos, os quais, por meio da aventura na natureza, relacionam-se com experiências, as quais nunca antes tinham imaginado concretizar: descer corredeiras de rios em botes infláveis ou cachoeiras por meio de cordas, explorar cavernas ou enfrentar obstáculos em trilhas no meio de florestas. (Marinho e Inácio, 2007, p.60).

As atividades de aventura despertam emoções e sentimentos, que superam suas formas e conteúdos, pois, relacionam através da prática características subjetivas de mitos e temores. Assim estas se afastam das experiências cotidianas espaço- temporais e ampliam as possibilidades de autoconhecimento e mudanças de hábitos.

Igualmente reiteramos que as atividades de aventura na natureza não devem ser entendidas como “remédio para todos os males”, pois valores e competências nelas manifestados não se reproduzem, necessariamente. Contudo, entendemos o “fenômeno da aventura” como uma oportunidade significativa para a vivência de emoções e sensações, que podem ser capazes de contribuir para mudanças de comportamentos e atitudes, atreladas às demais esferas da vida humana. Então, está dada uma possibilidade de os seres humanos estabelecerem uma relação com a natureza, diferenciada dessa que vem sendo empreendida na modernidade. Entender como é fértil a relação entre seres humanos e natureza por meio da aventura permite-nos aproximar essa discussão à educação física, vista como campo do conhecimento privilegiado, para as mais diversas intervenções nesse segmento em plena emergência. (Marinho e Inácio, 2007, p.61).

Segundo Betrán e Betrán (1995), as atividades de aventura como conteúdos da educação física propõem um subsídio para implantação de novos padrões motores e aproximação do homem ao meio natural, gerando

níveis de incerteza garantindo diversas situações emocionais como estresse, dificuldade, risco.

As atividades de aventura na natureza, como práticas constituintes do projeto da educação física, subsidiam novos padrões motores desenvolvidos em contato com a natureza, possibilitando diversos contextos ambientais, bem como proporcionam um entorno com altos níveis de incerteza motora, oportunizando a manifestação de diferentes situações emocionais em inúmeras circunstâncias (estresse, dificuldade, risco). Os autores enfatizam que tais atividades favorecem a conscientização e a sensibilização do aluno para com o meio natural e seus problemas, promovendo uma educação ambiental baseada no conhecimento das características dos ecossistemas utilizados, no contexto sociocultural a que pertencem, na utilização responsável dos recursos materiais e tecnológicos que promovem o deslizamento controlado pelo ar, água e terra. Mais ainda, tratadas pedagógica e didaticamente, podem ajudar na tarefa de educar alunos por meio de um processo interdisciplinar. (Marinho e Inácio, 2007, p.63).

Tais atividades favorecem a conscientização dos alunos com o meio natural e os problemas do mesmo, promovendo uma educação ambiental de maneira ampla, baseado em ecossistemas refletindo acerca do contexto sociocultural e abrindo possibilidades de educar alunos de maneira interdisciplinar.

Segundo Franco (2010) as atividades de aventura no ambiente escolar. Podem ser bem efetivas através da educação física e dos canais interdisciplinares que essas práticas proporcionam, estas partiriam desde a discussão acerca da preservação do meio ambiente, a aspectos geográficos, históricos e físicos do local que possibilita a prática.

O autor relata como uma das possibilidades a educação física fazer os estudos de campo, ou seja, os estudos fora da escola, o que possibilita o trabalho da temática meio ambiente e natureza dentro das práticas, portanto quando o autor se refere a escola, este não se refere as do meio rural, mas as instituições localizadas nos meio urbanos que se distanciam das possibilidades de experiências do meio natural.

As escolas urbanas já possuem em sua estrutura todo um aspecto controlado e tradicional, com salas de aulas retangulares, lousas e cadeiras enfileiradas, um espaço para as aulas teóricas e quadras com demarcações esportivas para a prática esportiva.

“Não se constrói uma escola com salas ovais, uma parede de escalada ou uma pista de skate, mas sim com quadras, pintadas com linhas dos esportes tradicionais: futsal, handebol, basquete e vôlei.” (Franco, 2010, p.95).

Se pensarmos no papel da escola de formar cidadãos autônomos e críticos, a escola forma de maneira técnica os alunos no âmbito esportivo, assim o autor relata sobre a necessidade e o direito que os alunos tem de conhecer outros elementos presentes na cultura corporal de movimento. A partir disso á um questionamento sobre como inserir algumas modalidades de aventura no ambiente escolar, refletindo que tudo que é novo encontra obstáculos para sua adequação.

Os conteúdos da A.F.A a ser trabalhado na escola dependerá da estrutura e adaptações possíveis, além do conhecimento e interesse do professor e suas relações com a comunidade escolar. Atividades populares como A.F.A sobre rodas(patins, *mountain bike*, *skate*,etc.) e corridas de orientação/ enduro a pé, podem iniciar um trabalho na escola, em qualquer do níveis da Educação Básica. Com um pouco mais de estudo e conhecimento, o professor poderá iniciar trabalhos em outras modalidades, como a escalada e o arborismo, além do *Parkour*, plenamente adaptáveis às estruturas comuns das escolas. (Franco, 2010, p.97)

No primeiro momento de inserção das atividades físicas de aventura na escola o autor ressalta a importância de analisar os espaços disponíveis para determinadas práticas, e questionar os alunos sobre o que eles sabem acerca dos esportes de aventura, e discutir sobre nomenclatura retiando algumas duvidas.

Para a inserção dessas práticas deve-se tomar algumas precauções assim como em qualquer outra modalidade, seja esportiva ou não, portanto o professor estabelece regras acerca dos equipamentos de proteção, segurança, sobre a divisão dos materiais e adaptações dos mesmos.

O professor interessado deve estudar esses protocolos de segurança, os equipamentos envolvidos, pensar na estrutura de sua escola, no perfil de seu público e procurar caminhos para a adequação da sua realidade. É indiscutível a preferência pelos equipamentos específicos elaborados para esta ou aquela modalidade. São mais seguros que qualquer adaptação, testados e garantidos. Se a realidade da escola permitir, a aquisição do equipamento apropriado é o mais recomendado. (Franco 2010, p. 99).

Outro ponto importante para a análise é a mudança de nomenclatura utilizada por Franco (2010) como atividades de aventura para Práticas corporais de aventura em 2016 em uma análise para os periódicos do segundo tempo ( programa de lazer do ministério do esporte).

Portanto levando em consideração o coletivo de autores pelo qual a pesquisa se pautou, as práticas corporais de aventura devem ser trabalhadas no ambiente escolar, por fazerem parte dos conteúdos da cultura corporal historicamente acumulados, assim o professor pode sistematizar o conhecimento elencando os custos e benefícios da prática, perfazendo um processo de aprendizagem formal pelo planejamento das mesmas.

### 3. ANÁLISE DA PESQUISA

A metodologia utilizada foi de pesquisa qualitativa que necessariamente não se preocupa com a quantidade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão do local e das pessoas a serem pesquisadas, esse tipo de pesquisa preocupa-se com as relações sociais suas dinâmicas e variáveis, portanto esse tipo de pesquisa recusa o método positivista e está amplamente relacionada a conhecimentos da antropologia e sociologia.

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.( Córdoba, 2009, p.32)

Segundo Córdoba (2009) esse tipo de pesquisa é caracterizado pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador portanto sofre crítica relacionadas ao empirismo da pesquisa, portanto o pesquisador deve estar atento a alguns riscos e limites como tentativa de dar conta da totalidade do objeto estudado, procurar controlar a influência do pesquisador sob o objeto de estudo, controlar a falta de detalhes sobre os processos, sobre as conclusões e dos aspectos de diferentes enfoques, envolvimento do pesquisador na situação pesquisada ou com os sujeitos pesquisados.

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de *descrever*, *compreender*, *explicar*, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.( Córdoba, 2009, p.32)

A pesquisa se caracteriza com cunho qualitativo pelo envolvimento do pesquisador com os estudantes pesquisados, pelo fato de que os mesmos estão próximos no decorrer de um semestre e meio que refere-se ao tempo de estagio supervisionado II, assim o pesquisador pode aprofundar sua compreensão do local e das pessoas por estar inserido entre os mesmos. É importante detalhar que durante a aplicação das aulas a pesquisadora mediava as práticas juntamente com os estudantes, anotando pontos pertinentes que aconteciam nas aulas durante os debates e as práticas, porem por serem intervenções ocorridas no estagio o outro integrante da dupla de estagio ficava encarregado de descrever todos os detalhes encontrados durante a aula, seja na fala dos estudantes, como em atitudes dos mesmos que o próprio pesquisador não conseguia estar atento por estar inserido no contexto e envolvido com as atividades dos mesmos as vezes não conseguia observar, assim esse integrante da dupla ficava como um observador externo que não participava do processo da aula, no fim de cada aula pesquisador e observador debatiam acerca das observações e conseguiam levantar encaminhamentos juntamente com o professor de estagio e orientador da pesquisa, para melhoria e para observação de eixos que deveriam ser trabalhados nas aulas seguintes.

A pesquisa no instituto foi realizada durante as intervenções do estagio supervisionado 2 com uma turma de primeiro ano do ensino médio do turno matutino, nessa turma existiam 28 alunos frequentes, sendo em sua maioria mulheres o que diferenciava das outras turmas de ensino médio que em sua maioria eram homens, a instituição tinha características diferentes de outras escolas comuns por vincular o ensino médio ao técnico, e por apresentar rotinas diferentes, como o recreio que não era padronizado em determinado horário, o horário de entrada e de saída era organizado pelos próprios alunos de acordo com o horário que os mesmos estipulassem para pegar as matérias, portanto os estudantes tinha uma possibilidade de auto gestão nos espaços da escola e flexibilidade nos horários da grade.

As intervenções foram realizadas no decorrer de oito aulas sendo duas aulas seguidas por dia totalizando em uma hora e meia de intervenção, que seriam das 08:45 ate as 10:15 horas; a principio foi aplicado um questionário com os estudantes acerca de como era a educação física na escola, qual era o

repertório motor dos mesmos na escola e em casa e com o que eles preenchiam seu tempo livre, o que eles achavam que poderia melhorar, e qual a opinião dos mesmos acerca das práticas corporais de aventura no ambiente escolar; o segundo passo foi uma entrevista com o professor de educação física com perguntas relacionadas a formação do professor, qual a metodologia que ele mais se aproximava, como foi o estágio do mesmo, e qual a opinião dele acerca das práticas corporais de aventura no ambiente escolar; o terceiro passo foi a apresentação do tema para os estudantes, através de dinâmicas e da experiência corporal dos mesmos através das práticas, assim os estudantes puderam compreender o que era atividade física, exercício físico e práticas corporais para que os mesmos pudessem saber diferenciar esses três termos o que facilitaria a compreensão da amplitude de significados que as práticas corporais nos proporcionam.

Sendo assim entende-se atividade física como:

Neste contexto, entende-se por atividade física toda e qualquer ação de movimento corporal, produzido pelos músculos esqueléticos, que resulta em gasto energético maior do que os níveis de repouso. É toda a movimentação produzida pela musculatura esquelética com gasto expandido de energia, como nas atividades domésticas, laborais e de lazer, exercícios e esportes. (MATTOS& NEIRA, 2000) Apud (Vilkas, 2013, p.24)

Entende-se exercício físico como:

Exercício é uma subcategoria de atividade física planejada, estruturada, repetitiva e proposital no sentido de que a melhoria ou manutenção de um ou mais componentes da aptidão física é o objetivo. A atividade física inclui o exercício, bem como outras atividades que envolvem o movimento corporal e são feitas como parte de jogar, trabalhar, transporte ativo, tarefas de casa e atividades recreativas. (OMS, 2012) apud (Vilkas, 2013, p. 24)

Colocamos práticas corporais como:

Importante esclarecer que optamos pela expressão *prática corporal* por identificá-la como a mais adequada para o que desejamos nesta pesquisa e na intervenção social decorrente da Educação Física. Para isso, o termo *prática* deve ser

compreendido em sua acepção de “levar a efeito” ou “expressar” uma dada intenção ou sentido e fazê-lo, neste caso, por meio do corpo, como indica e permite plenamente a língua portuguesa. Esta expressão mostra adequadamente o sentido de construção cultural e linguagem presentes nas diferentes formas de expressão corporal. (Silva e Damiani, 2005, p.23,24)

Tal termo resignifica a ideia de educação física enquanto promoção de saúde, ou prática reducionista de atividade física, tratando os conteúdos da mesma de maneira ampla e relacionando-os aos conteúdos da cultura corporal.

### 3.1 Análises dos questionários

O questionário é um instrumento de coleta de dados e informações que propicia uma sondagem sobre algo, nesse caso o questionário foi composto por perguntas elaboradas dentro do contexto social dos indivíduos, o mesmo se difere da entrevista porque a mesma ocorre de maneira oral, enquanto o questionário é feito por escrito, o mesmo foi aplicado para estudantes do estagio que estão cursando o primeiro ano do ensino médio, estes tem idade entre 14 e 17 anos. E nesse participaram 13 estudantes do gênero feminino e 9 estudantes do gênero masculino.

O questionário foi dividido em três partes (práticas corporais fora da escola, práticas corporais dentro da escola e práticas corporais de aventura) e serviu tanto para análise da turma relacionada a disciplina de estagio, quanto para saber o que os mesmos faziam em seu tempo livre, em seu tempo no ambiente escolar durante e fora do contexto das aulas tanto quanto para analisar a relação que os estudantes tinham com os conteúdos da educação física ministrados em aula, quanto com os conteúdos que eles sentiam a necessidade de trabalhar na escola e as práticas corporais de aventura como possibilidade na mesma.

Esse questionário foi descrito de maneira quantitativa enquanto descrição de quantidade de alunos do gênero feminino ou masculino que optavam por fazer ou não atividades, que gostavam ou não da aula, sendo que o mesmo questionário aparece de maneira qualitativa apontando sobre o que os mesmos faziam no seu tempo livre, o que os mesmos queriam fazer e deixando explicito em observações fora dos quadros, as observações feitas pelos próprios alunos no questionário, em seguida foi feita uma análise desse dados coletados e do processo conjunto de intervenções e pesquisa.

#### ➤ **Práticas corporais fora da escola**

O que você faz no seu tempo livre?

Atividades	Feminino	Masculino
Dormir	6	4
Jogar vídeo game	0	3
Soltar raia, jogo (não específico)	1	2
Assistir filmes, televisão, series.	2	3
Mexer no celular, computador, ouvir musica.	4	4
Ler, escrever, meditar	8	2
Correr, caminhar	2	1
Passear	2	1
Jogar bola, basquete, badminton ou andar de bicicleta.	2	3
Estudar	2	3

Pratica atividade física ou prática corporal (esporte, jogo etc) fora da escola?  
Se sim, qual?

	Feminino	Masculino
Pratica	4	6
Não pratica	10	3
Natação	0	1
Jogar bola	0	1
Academia	1	2
Basquete, Vôlei	2	0
Badminton	1	0
Lutas	0	1
Xadrez	0	1

Onde e com quem você pratica?

	Feminino	Masculino
Clube	0	1
Rua de casa	1	1
Academia	1	3
Escola	0	2
Praça	0	2
Ginásio	1	0

Obs: Colocaram nos questionários em geral, que praticam com amigos, com os familiares e cachorros.

Por que você pratica essas modalidades? O que elas proporcionam a você?

	Feminino	Masculino
Porque gosta	2	3
Saúde	2	6
Gosta de jogos de raciocínio	0	2
Diversão	1	0
Bem estar	2	0
Prazer	0	2

Gostaria de experimentar alguma pratica corporal que anda não teve condições?

	Feminino	Masculino
Sim	1	7
Não	0	1
Natação	1	0
Futebol americano	0	2
Queimada	1	0
Tênis	0	1
Trilha	1	0
Paintbal	0	1
Artes Marciais	0	1

Obs.: A maioria das meninas não responderam essa questão

Prefere praticas atividade física (esportes, jogos, etc) dentro ou fora da escola? Porque?

	Dentro	Fora	Nos dois
Feminino	3	7	3
Masculino	2	6	0

Obs .:

Algumas justificativas para se realizar a prática fora da escola: mais tempo e liberdade(4 alunos e 2 alunas), mais completo e menos ruim( 1 aluna e 1 aluno), menos vergonha, menos cansativo(5 meninas, 1 menino).

Algumas justificativas para se realizar a prática dentro da escola: Menos vergonha (1 aluno), amigos( 1 aluno e 1 aluna), mais organizado (1 aluno e 1 aluna).

➤ **Práticas corporais dentro da escola**

Você frequenta as aulas de educação física?

Masculino	9
Feminino	12
Não respondeu	1

O que você aprende nas aulas?

	Feminino	Masculino
Coordenação motora, habilidades físicas, movimentar-se.	10	6
Esportes	5	0
Convivência	1	0
Coisas novas	1	1
Ritmo, dança	1	0
Práticas corporais	0	5

Você gosta das aulas de educação física? Porque?

	Feminino	Masculino
Sim	12	9
Não	1	

As justificativas para gostarem das aulas sempre foi o conteúdo que eles falaram na questão anterior além de citarem que a aula é divertida e reforçarem que sempre aprendem coisas novas, apenas um estudante disse que não gostava mas iria se esforçar para gostar.

Se pudessem sugerir ao seu professor algumas práticas corporais, o que você mais gostaria de fazer nas aulas de educação física? Porque?

Atividades	Feminino	Masculino
Dança	5	1
Queimada	2	2
Musculação	1	0
Jogos	1	0
Esportes(basquete, futebol, vôlei)	3	4

Badminton	1	0
Bandeirinha	1	1
Slackline	1	0
Competições	1	0
Artes Marciais	0	1
Tênis de mesa	0	2
Futebol americano	0	1

➤ **Práticas corporais de aventura**

O que você entende por práticas corporais de aventura? Você pratica algo inserido nesse contexto?

	Feminino	Masculino
Não sabe o que são	1	1
Não prática	8	5
Gosta mas não entende muito bem	0	1
Atividades que envolvam a natureza	1	1
Práticas de risco	2	0
Prática esportiva que tem aventura	1	0
Esportes radicais que tenham adrenalina	8	0

Obs: As estudantes na maioria dos questionários disseram que não praticam por não terem condições de acesso porém tem muito interesse em conhecer.

Das práticas corporais de aventuras abaixo marque com um X os conteúdos que você gostaria de ter nas aulas de educação física, considerando que M(muito), TF(tanto faz), P(pouco).

Masculino

PCAN's	Muito	Tanto Faz	Pouco
Slackline	3	1	5
Rapel	2	4	3
Pakour	4	2	3
Tirolesa	4	1	5
Corrida	2	0	6
Deslizamento	2	2	5

Outras sugestões: Tênis de mesa

Feminino

PCAN's	Muito	Tanto Faz	Pouco
Slackline	10	2	2

Rapel	10	3	1
Pakour	7	4	3
Tirolesa	13	0	1
Corrida	7	3	3
Deslizamento	7	7	1

Outras sugestões: quero todos

Você acredita que homens e mulheres podem participar das práticas corporais de aventura de maneira igualitária?

	Sim	Não
Feminino	12	1
Masculino	9	0

Observações femininas:

- Temos o mesmo direito
- Todos têm capacidade e direito de participar
- Esporte não tem gênero
- Não, pois cada um tem sua força.

Observações masculinas:

- Basta ambos treinar
- Porém deve ter preparo físico
- Se houver a mesma estabilidade física
- Pois todos possuem a mesma capacidade e habilidade.

### 3.2 Relatórios de observação das aulas

#### **Relatório de observação- aula 1**

Na primeira intervenção nos apresentamos para os estudantes e explicamos para eles que traríamos uma proposta diferente de aulas de estágio na educação física, a partir daí pedimos que eles respondessem o questionário e durante o preenchimento desses surgiram algumas perguntas entre eles das quais: o que é gênero? Práticas corporais e atividade física não são as mesmas coisas? E na maioria dessas perguntas os estudantes esclareciam entre si possíveis respostas.

Após o preenchimento do questionário os alunos foram para o mini-ginásio e lá nós fizemos duas propostas de aquecimento, uma que se remetia a atividade física e exercício físico e outra que se remetia a práticas corporais, na proposta de atividade física nos colocamos os alunos para caminhar e a partir desta simples caminhada fomos variando entre trotes e caminhadas sistematizando essa atividade e caracterizando um exercício físico, isso ocorreu durante uns dez minutos, depois propomos uma atividade de estafeta, onde os alunos foram divididos e enumerados pelos professores e estes deveriam buscar um objeto no centro mais rápido que os colegas da outra equipe, a atividade começou da maneira mais simples e os próprios alunos foram elaborando regras juntamente com a mediação do professor para que a busca pelo objeto fosse mais justa para ambas as partes, assim eles colocaram regras como um determinado pique para que os alunos se preparassem para correr e a possibilidade de poder pegar o outro colega antes que ele chegasse a sua equipe. A segunda atividade relacionada às práticas foi um jogo da velha onde as equipes deveriam ir marcando o jogo com as bolas de handebol, lembrando que estes deveriam conduzir as bolas de uma por uma ao meio da quadra o interessante foi que os próprios alunos elaboraram estratégias para que estes fossem mais rápidos e ágeis e conseguissem visualizar o jogo.

Após essas práticas fomos para a sala e apresentamos os slides acerca das diferenças entre atividade física, exercício físico e prática corporal e questionamos os alunos se eles conseguiam identificar essa diferença nas práticas propostas no momento anterior, a partir disso eles trouxeram algumas diferenças nas atividades em quadra que eles próprios perceberam, e através de questionamentos feitos pela mediação do pesquisador estes próprios foram trazendo as diferenças e dúvidas acerca desses três temas. A partir do esclarecimento das diferenças dessas propostas, explicamos o que eram as práticas corporais de aventura e mostramos vídeos e fotos, das quais perguntamos se eles já haviam participado de alguma daquelas, e os estudantes trouxeram a experiência deles com diversas práticas como rapel, slackline, tirolesa e a partir disso nós pensamos em características dessas práticas, surgindo assim a questão do risco e seguindo com debates conseguimos chegar a conclusão de que o risco não se tem apenas nas

PCAN's e apresentamos um pouco diferenças essenciais sobre as práticas e os esportes, a partir desses debates no fim do slide e no fim da aula fizemos a seguinte pergunta aos estudantes:

Vocês acham possível a inserção de Práticas corporais de aventura no âmbito escolar?

E estes estudantes não só disseram que é possível como apontaram suas preferências, uns gritaram tirolesa, e outros falavam que tanto seria possível como já sabiam lugares ideais, e estes então se envolveram muito com a proposta.

### **Relatório de observação- aula 2**

Nessa aula trabalhamos alguns princípios de lateralidade e equilíbrio através de um aquecimento nas linhas da quadra, os estudantes a princípio tiveram que andar por cima das linhas da quadra de basquete e após algum tempo os mesmos foram orientados a fazer um pique-pega sobre as linhas da quadra, nessa atividade houveram alguns problemas porque os mesmos se empolgaram com a atividade e esqueceram de andar sobre as linhas correndo de forma espontânea.

Após o breve aquecimento os estudantes sentaram na quadra e fizeram avaliação da atividade juntamente com os professores apontando s problemas e os pontos positivos da mesma, e partir do dialogo houve uma contextualização do slackline onde os estudantes puderam falar acerca das suas experiências com a prática, assim aproximadamente uns seis estudantes disseram que já haviam praticado slackline em parques juntos com amigos ou pessoas desconhecidas.

Em seguida os alunos subiram para o pátio e foram instruídos sobre as partes do slackline, e como montar o mesmo parte por parte desde o porque da

escolha daquele local para a montagem do mesmo, algumas meninas chegaram mais próximas e faziam perguntas sobre a montagem do mesmo, como quais os perigos que as catracas ofereciam e quanto em media era um slackline.

Em seguida com a fita a uns 60 cm do chão os estudantes começaram a vivência em trios, onde um estava andando sobre o slackline, e outros dois apoiando nas laterais, alguns alunos tentaram andar sozinhos, porém por não terem experiência na fita rapidamente se desequilibraram.

A partir das dificuldades apresentadas pelos alunos houve algumas pausas nas aulas para explicar algumas questões posturais durante a prática, além de retirar duvidas dos alunos. Por fim os estudantes puderam vivenciar de maneira livre a prática de slackline, e pode ser observando a participação bastante efetiva das meninas ate o final da aula. Os meninos desistiram algumas vezes porem quando o professor os incentivava eles voltavam e tentavam novamente, ouve a percepção de dificuldade maior encontrada pelos meninos durante a prática.

### **Relatório de observação- aula 3.**

Foi proposta a dinâmica “enrolados” onde foi contextualizado a relação que as práticas corporais nos proporcionam e estabelecem entre os indivíduos praticantes dentro dessa dinâmica.

Os estudantes conseguiram realizar a atividade de desenrolar com facilidade em vista de que esta atividade já foi realizada em outros espaços e momentos posteriores a pesquisa e houve dificuldade por parte dos estudantes, no segundo momento após a realização da atividade houve uma roda de conversa pela qual os estudantes fizeram uma reflexão acerca da dinâmica, sendo assim eles próprios trouxeram elementos pertinentes como a importância da colaboração entre eles nas atividades e o quanto essa cooperação influenciava, além de citarem questões como habilidades motoras

relacionadas a equilíbrio, rapidez e estímulo de raciocínio. O que posteriormente foi simulado as práticas corporais e as relações que estas estabelecem.

Como proposta de aquecimento fizemos duas atividades de pular corda e estafeta.

Propor atividade de *slackline* com a falsa baiana (corda para os alunos apoiarem as mãos em cima o que será um excelente exercício postural para o equilíbrio no slack).

Foi proposta a dinâmica “confiança” para contextualizar as possibilidades do corpo por si só e do corpo em conjunto trabalhar o elemento da cooperação, os estudantes fizeram essa atividade em trios, quartetos e até de cinco pessoas, e pediram até para que os estagiários participassem juntamente com eles, houve um envolvimento da turma como um todo.

Após a dinâmica os estudantes fizeram uma atividade de agaichar no slackline porém esses só conseguiram com o auxílio dos colegas e esses se misturaram não dispendo daquela organização de meninos e meninas separados, em seguida eles tiveram um tempo para que vivenciassem individualmente ou com auxílio o slackline.

No momento final com os estudantes em roda foi explicado e passado uma atividade para que os estudantes fizessem uma pesquisa acerca de benefícios da prática de *slackline* e que tragam noticiários sobre grupos em Goiânia e outros locais adeptos a prática

#### **Relatório de observação- Aula 4**

O objetivo dessa aula era de finalizar o conteúdo de slackline e já começar a trabalhar elementos básicos do *parkour*, para iniciar a aula fizemos o aquecimento com três tipos de brincadeiras que tinham como elemento fundamental a corrida; o pique-pega convencional, que consiste em um

pegador que corre atrás dos outros e ao pegar alguém invertem os papéis. O sempre dois nunca três no qual os estudantes serão dispostos em duplas, e haverá um pegador e um corredor que deve pegar na mão de alguma dupla para que o outro integrante da dupla corra. E para finalizar o aquecimento gelim-gelão que consiste em um pique-pega convencional onde o “pique” seria o gelim que consiste em agachar para que alguém salte sobre o aluno e o salve, e o gelão que consiste em ficar em pé e abrir as pernas para que alguém salve passando por baixo das pernas.

No momento seguinte para trabalhar alguns elementos básicos do *parkour* foi montado um circuito com cinco estações no mini-ginásio onde cada estação consistia nos seguintes exercícios que podemos observar os seguintes detalhes:

- 1º estação: **Burp adaptado** os estudantes foram instruídos para que na hora da queda antes da flexão eles agaichassem com as mãos no centro, possibilitando a vivência da queda dos saltos com maior absorção de impacto, nesse exercício não houve dificuldades apenas foi preciso sempre esclarecer que na queda as mãos ficavam no centro, ou seja, entre as pernas para que não houvesse perigo de um contato do joelho com o queixo, cuidado essencial para queda com grandes e pequenos impactos do *parkour*.
- 2º estação: Fazer movimento da **ginástica natural caranguejo**: o que propiciou a estabilização de tronco para execução de um movimento natural de nossos corpos, essa estabilização do tronco auxilia no movimento chamado “precisão” no *parkour*, muitos estudantes tiveram dificuldade no movimento, e o que se observava era que eles não conseguiam utilizar a força do braço de uma forma reversa que acontece nesse exercício, a partir disso eles podiam descansar os braços e voltar a atividade.
- 3º estação: **Pular corda** para que pudéssemos observar qual a melhor maneira que os estudantes utilizariam para transpor esse objeto que era a corda, alguns pulavam com os dois pés consecutivos e outros com a elevação de um dos pés depois o outro, porém quando a

velocidade da corda aumentava todos pulavam com os pés consecutivos.

- 4º estação: Fazer **polichinelo se deslocando na lateral** que visava trabalhar a coordenação motora dos estudantes e a lateralidade o que serviria de base para um salto denominado “reloginho” no *parkour*, os estudantes não apresentaram dificuldade nessa estação, talvez a principio na associação dos movimentos, mas eles conseguiram compreender de maneira rápida.

- 5º estação: **Abdominal flexão de tronco** o que procurava trabalhar a estabilização do tronco que favorece a postura e fortalecimento do abdômen, e auxiliam no momento de impulsão para os saltos, durante esse exercício alguns estudantes tiveram dificuldade de fazer a flexão de tronco sozinhos e assim o professor do campo e nós estagiários fomos auxiliando na medida do possível.

Após o termino no circuito o *slackline* foi montado e os estudantes poderiam vivenciar os movimentos que aprenderam nas outras aulas ( andar de costas, agachar, girar para voltar) assim alguns estudantes já conseguiam andar a fazer alguns movimentos sem auxilio, três meninas e um menino já andavam perfeitamente e a partir dessa vivencia eles competiam entre si quem conseguia percorrer uma distancia maior e inventavam outros movimentos como quem conseguiria dar mais saltitos sem cair da fita, quem conseguiria sentar na fita e quem conseguiria percorrer uma maior distancia andando de costas.

### 3.3 Análises dos dados

Através das analises relacionados ao percurso histórico das práticas corporais de aventura no ambiente escolar, pode-se observar a relação dos estudantes com o tema através de características e duvidas apresentadas pelos mesmos durante a pesquisa podendo elencar alguns tópicos observados.

**Risco:** Na primeira aula os estudantes questionaram bastante acerca dos riscos nas práticas corporais de aventura tanto no ambiente escolar, como urbano e na natureza, os mesmos traziam indagações acerca do perigo tanto do se movimentar no parkour, quanto do se movimentar em ambientes mais altos como rapel ou tirolesa, após alguns minutos de dialogo com a turma foram colocados questionamentos sobre atividades que os mesmos faziam como os esportes coletivos, movimentos da ginastica e se essas não tinham riscos, a partir desses questionamentos foram levantadas questões como os riscos nos esportes coletivos de quadra, como torcer o pé nos esportes individuais como uma câimbra na natação, dentre outros... Assim os estudantes juntamente com a pesquisadora conseguiram identificar que em toda prática corporal desde a mais simples a mais complexa trabalharia o risco, portanto deveríamos adotar procedimentos de precaução e segurança para não haver nenhum transtorno no decorrer da prática.

As práticas corporais de aventura possuem forte relação com os riscos, gerando a demanda por esforços estruturados que superem a simples intencionalidade de promover práticas seguras. Portanto, torna-se relevante a compreensão destes riscos, que podem ser conceituados como o efeito das incertezas sobre os objetivos estabelecidos e variam de acordo com cada atividade, também podendo ser subjetivos, quando relacionados às percepções dos praticantes, ou reais, quando relacionados aos riscos existentes em determinados momentos. A presença de riscos não impede a realização das práticas corporais de aventura, pois os riscos são inerentes a estas atividades e se relacionam a aspectos potenciais e motivacionais, entretanto, geram a necessidade de abordagens específicas de gerenciamento. Estas abordagens podem ser compreendidas como um conjunto coordenado de atividades e métodos, os quais buscam controlar os riscos que podem afetar a capacidade de atingir os objetivos estabelecidos. Nesse sentido, a gestão de riscos em práticas corporais de aventura, realizada em passos como os apresentados na obra de Dickson e Gray (2012), figura entre as abordagens mais empregadas por instituições de prestígio e pode ser sintetizada pela estrutura (Franco et al. 2014, p. 108)

Segundo Franco (2014) existe cinco passos para a gestão de riscos: contexto local (que procura avaliar o publico para as práticas, o local e os recursos utilizados); identificação(listar o que pode acontecer de incidentes e acidentes); analise(determina as conseqüências e probabilidades dos riscos);

avaliação (busca determinar os riscos que devem ser prioritariamente gerenciados); tratamento (parte de tomar decisões para reduzir probabilidades, reduzir consequências, aceitar os riscos, evitar os riscos e transferir os riscos).

De modo geral, a gestão de riscos para as práticas corporais de aventura deve buscar atender alguns aspectos, como priorizar a comunicação durante todo o processo de planejamento e execução das atividades; buscar o envolvimento, em ser constantemente monitorada, revista e adequada, de acordo com cada contexto; considerar os diversos ambientes, indivíduos, equipamentos empregados e as atividades propostas. Uma abordagem adequada para a gestão de riscos nas práticas corporais de aventura deve estar focada na minimização dos riscos desnecessários (ex.: elevada probabilidade de quedas em uma atividade de *slackline*, pelas escolhas e práticas inadequadas) e na maximização dos objetivos (ex.: desenvolvimento de aspectos educacionais, promoção da saúde, desenvolvimento de competências pessoais e sociais). (Franco et al. 2014, p. 110)

Segundo Marinho e Schwartz (2005) a partir do controle dos possíveis riscos existe uma fluência de ludicidade e aumento das potencialidades da prática.

O que contribui para este fato é o elemento lúdico ser uma constante nessas práticas, manifestado, inclusive, por meio do controle que se dá em todas as esferas da atividade. A partir desse controle, o risco, embutido nas atividades, é minimizado, garantindo-se, com isso, a fluência da ludicidade com todas as suas potencialidades. (Marinho e Schwartz, 2005, p. 4,5).

**Espaços físicos para a prática:** Outro questionamento de alguns estudantes foi acerca do espaço utilizado para a prática, por exemplo, como trazer uma tirolesa para a escola? A partir desses questionamentos debatemos acerca do que se precisa em uma tirolesa, e identificamos espaços possíveis para a mesma, como o ginásio grande que possui o teto bastante alto, ou uma possibilidade de ligação entre o segundo andar e o térreo através de uma tirolesa horizontal assim houve propostas que fogem ao modelo controlador para o qual essas estruturas são definidas, como podemos observar na análise:

Já as escolas urbanas possuem sedimentadas, em seu ambiente, todo um aspecto controlado, com muros e alambrados, salas de aula e locais destinados para as práticas de atividades físicas. São construções baseadas em uma forma tradicional de ministrar aulas: salas de aula retangulares, com lousas, carteiras enfileiradas, etc. Não se constrói uma escola com salas ovais, uma parede de escalada ou uma pista de skate, mas sim com quadras, pintadas com linhas dos esportes tradicionais: futsal, handebol, basquete e vôlei. (Franco, 2010, p.95)

A partir de estruturas que não são favoráveis o que não chega a ser o caso da instituição em questão de espaço físico, porque na mesma trabalhamos o slackline tranquilamente, poderíamos trabalhar o parkour a corrida de orientação ou com práticas de aventura do contexto urbano como skate, patins porque o espaço físico da instituição é bastante amplo, porém o que poderíamos elencar como falta seriam os recursos materiais que necessitariam de possíveis adaptações o que exige interesse e conhecimento do professor e se possível a ajuda da comunidade escolar.

Realizar por exemplo, atividades sobre quatro rodas na quadra, pátio e outros locais possíveis, na estrutura de uma escola comum, é possível, basta alguns cuidados, como: estabelecer regras sobre os espaços permitidos, equipamentos de segurança e proteção (joelheiras, caneleiras, mesmos que de papelão, luvas, etc.), trazer os materiais de casa e dividir com os que não possuem, atribuir funções para os que não tiverem equipados, entre outras. (Franco, 2010, p.98)

**Preço dos materiais para a prática:** Outro ponto questionado pelos estudantes foi o valor dos materiais necessários para a prática, que no caso das intervenções era o slackline, assim surgiram indagações acerca do valor se era muito caro ou mais barato e onde encontrar esses materiais. Assim houve um esclarecimento por parte da pesquisadora acerca de adaptações que podem ser feitas para obter esses materiais pelo fato de que as práticas estão sendo amplamente comercializadas e se transformando muitas das vezes em esporte espetáculo ocasionando o aumento dos preços dos materiais necessários para a prática a cada dia.

Esse movimento da sociedade foi aproveitado, por exemplo, pela mídia, que percebeu a possibilidade de transformação dessa ligação esporte-natureza, em esporte espetáculo e em fins mercadológicos, cedendo um bom espaço para os esportes radicais, de aventura ou de natureza em seus vários setores, sobretudo nos canais de TV (aberta ou fechada), jornais, revistas e programas de turismo. (Franco, 2010, p.93)

Se pararmos para analisar a fita do slackline e a mesma fita de caminhões que seguram cargas e as catracas são as mesmas encontradas em ferragistas o material para proteção das arvores pode ser adaptado com o uso de papel EVA, o que sairia bem mais em conta financeiramente que comprar um slackline em lojas de materiais esportivos ou feiras direcionadas a equipamentos de esporte de aventura o que ainda é bastante raro.

Um dos maiores eventos do Brasil direcionado a aventura e que poderia servir de difusão e popularização das Atividades de Aventura, foi concebida para a classe alta e media alta. Fiquei frustrado, pois achei que encontraria opções de equipamentos mais baratos, sugestões de atividades de fácil acesso, enfim, propostas populares, afinal não há outras feiras de aventuras regulares por ai. (Franco, 2010, p.100)

Segundo Franco (2010) as atividades de aventura só irão chegar a população de baixa renda se esta for adaptada aos locais onde essa população tem acesso assim o autor da o exemplo da escola como um local de inclusão e ensino e aprendizagem.

**Dificuldade de adaptação da PCAN's proposta:** Alguns estudantes chegaram a questionar o por que da dificuldade nos primeiros momentos para subir na fita de slackline, esses perguntavam acerca da tremedeira e se auto questionavam pelo fato de que quando viam as pessoas praticando o slackline não observavam tanta dificuldade, mas a partir do momento que os mesmos subiam estes conseguiam observar que não era tão simples a pratica do mesmo.

O nível do trabalho corporal exigido na prática de algumas atividades físicas de aventura é alto, sendo necessário o

apuramento das capacidades físicas (força, velocidade, resistência, etc...) e das habilidades motoras ( coordenação motora fina e global, lateralidade, etc...). (Coimbra, 2006, p.165)

Assim foram esclarecidos alguns tópicos importantes, como primeiramente que as PCAN's fugiam do contexto esportivo que eles tiveram desde sempre nas aulas de educação física, e aprofundando na ideia de que o slackline está associado a habilidades motoras básicas como o equilíbrio que exigem uma percepção do corpo e de sua manifestação na prática em si, assim foi dado como exemplo as dificuldades que os mesmos encontraram em andar de bicicleta e o processo de aprendizagem como um todo que pode ser trabalhado de maneira espiral, do simples para o mais complexo, primeiro os mesmos utilizavam as rodinhas, depois utilizavam-se do auxílio dos pais ou amigos nas laterais e partir desse processo de aprendizagem do corpo os mesmos aprenderam a andar de bicicleta, no slackline não seria diferente pelo fato de que era uma prática que os mesmos ainda não tinham experiência corporal e cada um respondia a essa experiência de maneira diferente, mas a principio os estudantes eram indagados a sentir a espessura da fita, a tensão da mesma, e foi possibilitado que os mesmos vivenciassem de maneira espontânea com o auxílio dos colegas a prática, assim os mesmos andavam de costas, alguns deram saltitos, outros tentavam sentar e outros andar de certa maneira conhecendo o espaço e a prática, após essas vivencia foram colocados algumas tarefas para os estudantes como se equilibrar com um pé só na fita durante alguns segundos, caminhar com o auxílio dos colegas nas laterais, caminhar utilizando a falsa baiana, e esse processo sempre pausando a aula e vendo a dificuldade que os estudantes estavam tendo com a prática, a partir dessa roda de conversa pode-se observar o quanto os estudantes ficaram mais perceptivos com a prática, se atentando em não olhar para a fita, procurar concentração e equilíbrio do corpo, se atentando para a postura procurando manter a coluna reta e respeitando de fato seus limites.

A partir da pesquisa podemos encontrar alguns pontos pertinentes como:

**Os espaços como espaços facilitadores da prática:** Os espaços da escola de certo modo facilitaram e ofereciam muitas possibilidades de prática,

havia duas quadras poliesportivas cobertas com o teto bastante alto que possibilitavam a montagem de uma tirolesa, além de alguns pátios que possibilitavam aulas de parkour, e árvores e vigas espessas que possibilitavam a montagem do slackline, a partir desses pontos não tivemos problemas com incidências de chuvas ou sol em excesso, porque os espaços eram cobertos e bastante amplos.

### **A resistência do professor da instituição para com as práticas:**

Desde a proposição do tema para o professor da instituição o mesmo dizia que práticas corporais de aventura na escola fugia o contexto da educação física, que de fato esse tema retratava os professores que não tinham domínio dentro do conteúdo dos esportes, e que essas práticas eram modismo e estavam dentro do contexto do lazer, lazer fora da escola.

Acho uma viagem, acho esportes de aventura, praticas corporais de aventura, ginastica circense e jogos eletrônicos acho uma viagem é muita vontade de inovar, é muita vontade, sabe eu acho louvável se vocês trouxerem essa proposta eu de cara vou falar vamos experimentar, mas eu acho tão distante e tão trabalhoso chegar aqui, montar isso, é se você tivesse que chegar aqui todos os dias fora da sua formação acadêmica montar um slackline e a aula vai acabar meio dia e você tem que acabar meio dia e quarenta para poder desmanchar isso, levar aluno pra li (parque multirama) que é uma canseira envolve seguro de vida, por exemplo nos vamos fazer aventura lá na Santa Branca ou em qualquer outro lugar, fazer escalada lá naquela academia do Bueno, eu acho isso tão burocrático, um tempo tão desperdiçado um tempo de produção intelectual a menos, de montar lista, pedir autorização para os pais que eu acho q a gente resolve tudo isso com outros elementos aqui dentro, eu acho que isso é muito mais a tentativa de impor um novo conteúdo para quem não domina os esportes, eu acho que é um tipo de professor que traz na história particular dele poucas demandas de esporte coletivo e tenta inovar com uma coisa que sinceramente, é modismo.(Entrevista com o professor)

Como se pode observar na fala do próprio professor o mesmo afirma que o momento das práticas corporais de aventura seria um desperdício, um tempo de produção intelectual a menos, o qual discordo pelo fato de que estamos vivendo em um contexto social em que as atividades que praticamos devem ter uma funcionalidade.

Segundo Coimbra (2006) todas as atividades que fogem do âmbito do trabalho e especialmente aquelas que aparente não produzem um conhecimento formal, ou seja, estudar para garantir um melhor emprego e atender as necessidades do sistema capitalista não é reconhecido socialmente e são vistos como divertimento. Porém a educação de maneira mais ampla foge do contexto dos processos ditos formais:

“[...] corresponde a toda modalidade de influências e interrelações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando em uma concepção de mundo, ideias, valores modo de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática”.(Libâneo, 1994, p.23) apud (Coimbra, 2006, p.163).

A partir dessa concepção de educação evidenciada pelo autor podemos observar que a educação não acontece apenas em ambientes formais, mas por estarmos inseridos no mundo toda influência pode promover alterações na forma de ver o mesmo, portanto existem experiências que produzem aprendizagens formais com resultados bastante significativos.

A educação detém um papel decisivo como espaço socializador, podendo oferecer canais formais e informais para implementar os aprendizados experimental e criativo, promovendo, com isso, a integração dos aspectos gerais voltados à qualidade de vida. (Marinho e Schwartz, 2005, P.7)

Dentro das práticas corporais de aventura Coimbra (2006) divide os adeptos a essas práticas em duas categorias, as de guias ou orientadores e a de praticante, assim a autora firma que os aprendizados acontecerão de maneira diferente.

O guia ou orientador da atividade conhece os diferentes aprendizados implícitos nesta prática, sendo para ele um conhecimento sistematizado, o qual ele, a todo o momento, busca desenvolver, ou seja, neste caso, temos um processo de educação formal. Já o praticante, geralmente, busca essas vivências, interessado no contato com as paisagens naturais, no bem-estar proporcionado pela atividade física e pela superação dos limites físicos e psicológicos, não preocupando com os aprendizados implícitos na prática e, neste caso;

podemos falar em educação informal e experiencial. (Coimbra, 2006, p.164)

Outro ponto que podemos observar na fala do próprio professor se da na marginalização desses conteúdos na escola, colocando os como conteúdos pertinentes a temática do lazer fora da escola, sem ver o interesse crescente dos estudantes para com a prática e a mesma seria significadamente melhor dentro do ambiente escolar com um professor qualificado para a mesma.

Assiste-se assim, a uma relativa marginalização destas atividades por parte da escola, em contraponto com o interesse crescente dos alunos pela prática destas atividades fora dela, que se traduz, muitas vezes, pelo aumento do número de acidentes, devido a estas práticas exigirem conhecimentos que nem sempre estão presentes ou devidamente consolidados (PEREIRA; MONTEIRO, 1995, p.113).

Por conta da matriz curricular do instituto e oposição do professor, não foi possível concluir a proposta de pesquisa dentro do estagio, portanto houveram apenas oito intervenções pelas quais foram trabalhados as práticas corporais e suas manifestações e como prática corporal de aventura o slackline.

Segundo Rodrigues e Darido (2006) os conteúdos que são historicamente acumulados e isso inclui as práticas corporais de aventura não devem ser apenas privilégios de pessoas que tem condição financeira para tal, mas deve adentrar os espaços dos quais a classe trabalhadora tem acesso e o principal deles é a escola.

A efetivação da cidadania pela Educação Física, passa pelas discussões envolvendo o lazer e a disponibilidade de espaços públicos para as práticas da cultura corporal de movimento. Essas são necessidades essenciais ao homem contemporâneo e, por isso, direitos do cidadão. Os alunos podem compreender que os esportes e as demais atividades corporais não devem ser apenas privilégio dos esportistas profissionais ou das pessoas em condições de pagar academias ou clubes (Rodrigues e Darido, 2006, p. 3).

**A ampla possibilidade que as PCAN's propiciam para que os estudantes vivenciem e criem significados para o meio físico, a psicomotricidade, e as implicações sociopráticas:** Durante as intervenções pode-se analisar a relação dos estudantes com o meio, sendo ampliada de maneira surpreendente, sendo que essas intervenções fugiram o ambiente principal das aulas de educação física dos mesmos que no caso era a quadra. As vivências com o slackline foram feitas no pátio da escola, onde circulavam os demais estudantes, ou seja, fugia ao contexto formal da aula em quadra, trabalhando determinados esportes com técnica e precisão para os mesmos, com as vivências do slackline os estudantes tiveram a oportunidade de percepção do material que os mesmos trabalhavam, por isso muitas das vezes esses eram instigados a fechar os olhos e concentrar-se na tensão proposta pela fita tratando-se de uma dinâmica de relações mediadas pelo diálogo entre o praticante e o ambiente ou material da prática.

Mas esse compromisso não é fixo, imutável; assim como outras esferas da vida, trata-se de uma dinâmica, sempre em avaliação. Sant'Anna (2001), ao apresentar a possibilidade de os seres humanos "comporem" com a natureza, cita o exemplo do surfista, o qual necessita manter um diálogo com a onda, com o vento, mediado pela prancha, que é um aparato técnico. Nesse diálogo, ocorre uma relação ética, de iguais, no qual o resultado (ou a composição) depende da justeza e equilíbrio do diálogo. Entretanto, isso não garante que esse diálogo aconteça também em seu cotidiano. Entendemos que a educação pelas práticas corporais de aventura na natureza caminha exatamente na direção de criar, estabelecer, desenvolver e ampliar atitudes e comportamentos, mais perenes e freqüentes, que se disseminam para outras esferas da vida cotidiana. (Marinho e Inácio, 2007, p.65).

Outra observação pertinente é a de que a prática por si só promoveu o desenvolvimento das técnicas e o melhor controle dos movimentos corporais dos estudantes, o que segundo Coimbra(2006) promove para os mesmos o autoconhecimento, que está ligado ao autoconceito, auto-estima, autoconfiança e percepção de competências que muitas das vezes não são trabalhadas nas demais práticas.

Através dessas práticas propostas na escola também pode se observar a proximidade dos estudantes e o nível de cooperação elevado entre eles, todos cooperaram nas atividades propostas em trios e em duplas, e quando haviam propostas individuais os mesmos chamavam os amigos para ajuda-los com a prática o que propõe mais segurança ao praticante.

Os praticantes de atividade física de aventura, geralmente, reúnem-se para preparar, para a praticar e para conversar sobre a prática. Buscam manter uma conduta cooperativa no decorrer das atividades, incentivando aos desafios e alertando para os possíveis perigos. Para o praticante de tais atividades o outro pode representar segurança, elemento decisivo quando se trata dessas vivencias.(Coimbra, 2006, p.166-167)

Portanto através das práticas pode-se observar desenvolvimento tanto dos movimentos corporais, como de apreensão do meio e dos materiais da prática como desenvolvimento psicomotor e socioafetivos.

A conexão dessas experiências de aventura aos objetivos educacionais do sistema escolar pode favorecer o desenvolvimento humano em seus diversos aspectos, por envolverem processos pedagógicos específicos catalisadores de "competências cognitivas, psicomotoras e socioafetivas" (PEREIRA; MONTEIRO, 1995, p.114), sendo capazes de fomentar novas atitudes de espectro interdisciplinar. Apud (Marinho e Schwartz, 2005, p. 7,8).

**A participação feminina de forma acentuada:** Durante as aulas podemos observar a participação efetiva feminina e empolgação das mesmas com as práticas, os meninos a principio se encontravam um pouco retraídos e quando não tinham êxito desistiam dai surgia a necessidade de intervenção do professor de sentar e conversar e explicar que os mesmos não acertariam de primeira por ser algo novo e que isso era normal, assim os meninos foram se

aproximando com a prática, as meninas desde o principio se propõem a ajudar a montar os materiais, trouxeram as pesquisas e demonstravam interesse sobre o assunto.

**O feedback positivo dos estudantes com relação as práticas:** No fim das intervenções fizemos uma roda de avaliação das aulas relacionadas as práticas corporais de aventura, e mesmos impossibilitados de continuar ministrando os conteúdos, os estudantes estavam muito empolgados para iniciar o conteúdo de parkour, os mesmos disseram que poderiam surgir propostas diferentes assim sempre por fugir aos conteúdos que são trabalhados repetidamente no decorrer dos anos, na disciplina de educação física conteúdos esses relacionados aos esportes.

A partir dos pontos de análise que foram tragos pelos estudantes em debates e rodas de conversa durante e após as aulas, e pontos observados pelo pesquisador e pelo observador externo junto com o professor do próprio estagio, conseguimos elencar diretrizes para a análise das aulas juntamente com os questionários preenchidos, entrevista do professor e pesquisa bibliográfica na área, se adaptando aos transtornos durante a pesquisa e fazendo destes transtornos questionamentos para serem esclarecidos permitindo uma pesquisa mais rica em informações sobre o tema com maior amplitude de conteúdos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar das dificuldades encontradas para inserir as práticas corporais de aventura no ambiente escolar podemos visualizar através da pesquisa bibliográfica e da pesquisa em campo, as múltiplas possibilidades de trazer esses conteúdos para a educação física escolar, possibilidades estas que muitas das vezes os próprios estudantes constroem juntamente com o professor a partir de mediação de conhecimento dos mesmos.

Algumas possibilidades puderam ser identificadas no decorrer do processo de estudo como os locais disponíveis para a prática, pensando a realidade da escola pública brasileira em ambientes periféricos, que muitas das vezes o professor tem a necessidade de adaptar um ambiente ou pátio como quadra, porque muitas das vezes a própria escola não oferece esse recurso, a falta de espaços próprios para a educação física não impossibilita a inserção das práticas corporais de aventura, até porque para execução e possibilidade das mesmas se utiliza ambientes naturais, os espaços da escola como, muretas, muros, escadas, árvores, pátio se caracterizam como espaços propícios para as práticas corporais de aventura na escola.

A partir desses espaços entramos em tópicos como recursos materiais, os quais muitas das vezes podemos aproveitar os da própria escola como cordas, papelão caixotes, lonas... Também existe a possibilidade de adaptação dos materiais e esta pode ser trabalhada nas aulas de educação física, como por exemplo, para atividades com deslocamentos em meio terrestre na horizontal, esse deslocamento ocorrerá através do colega, de um impulso motor ou através de água? Pensamos que precisaremos de água, o deslocamento pode ocorrer sobre uma lona estendida no chão em um terreno um pouco ou bastante íngreme, onde serão jogadas água com sabão na lona e os alunos poderão se deslocar de diversas maneiras, de acordo com sua experiência, seja sentado, em pé, sentado de costas, deitado de lado entre outros... Existem práticas que utilizarão como recursos materiais o espaço da escola, mesmo que esse seja minimamente um pátio, uma mureta e as roupas que os estudantes já utilizam, como tênis, calça mais solta e camisa, quanto

mais liso o tênis melhor, portanto pode-se utilizar qualquer tênis desgastado. A prática retratada se refere ao parkour, no qual os estudantes terão obstáculos estipulados no início pelo professor ou até mesmo pelos próprios alunos, que se utilizarão do próprio corpo para transpor os mesmos da melhor forma possível, lembrando que melhor forma não se trata da melhor técnica voltada ao rendimento, mas da melhor técnica a qual seu corpo de serve.

Outras formas de recursos materiais são as fitas de slack e catracas, ou cordas e mosquetões para trabalhar com tipos de nós e arvorismos, esses materiais são encontrados em ferragistas, e seus preços chegam a ser bem menores do que o de materiais desportivos utilizados nas aulas de educação física.

Portanto as possibilidades de inserção de práticas corporais de aventura, são um universo e pode-se utilizar como lente para aprimoramento do que se vai trabalhar a realidade que a escola está inserida, qual o espaço já se tem na escola, os materiais, o que faz parte da realidade dos meus alunos, o que teria relevância para ser ensinado para eles onde os mesmos possam construir conhecimento simultaneamente com o professor. Por ser uma tema bastante novo em relação ao trabalho na escola, os professores devem estar sempre buscando informação e formação para terem domínio do conteúdo e do trato metodológico dos mesmos.

Algumas lacunas foram encontradas durante o processo de pesquisa em campo que podem ser relatadas como processos de dificultaram o andamento da pesquisa, como: a troca de professor de estágio, pelo fato de que o professor foi um dos colaboradores para que a pesquisa de fato acontecesse no campo e o mesmo pesquisava sobre práticas corporais e sempre dava diversas dicas sobre o que fazer e como fazer, o que fazer perante as dificuldades encontradas sejam elas com o professor do campo, com utilização dos espaços, com os materiais que seriam necessários e o como fazer referente ao trato pedagógico com os estudantes, como lidar com problemas decorridos durante a aula entre outros tópicos que apareciam no processo da pesquisa.

Outra lacuna foi a mudança de metodologia da pesquisa de observação participante para uma pesquisa bibliográfica com análise de uma pesquisa qualitativa mais curta, á principio a ideia era de se trabalhar minimamente em 16 aulas quatro conteúdos práticos relacionados a práticas corporais de aventura na escola que seriam o slackline, o parkour, a tirolesa e o rapel. O que impossibilitou esse trabalho foi a grade curricular da escola e a apreensão do professor relacionado a esses conteúdos, porque o mesmo dizia que esses conteúdos deveriam ser posteriores ao ambiente escolar e as aulas de educação física , o mesmos dizia que esses conteúdos faziam parte do lazer, e do lazer fora da escola. Assim seguindo não foi possível continuar a intervenção no instituto que por sinal foi ocupado e ficou em greve ainda no processo do estágio.

Espera-se que a pesquisa seja de utilidade para os demais professores sobretudo aos professores da área de educação física, que irão propor práticas corporais de aventura em suas aulas, não se aprofundou tanto a questão da interdisciplinaridade mas pauto que essa pode acontecer tanto dentro das aulas de educação física como poderiam ocorrer em outras aulas, como as de biologia, e retomo a um desejo de pesquisa para progressão dos estudos relacionados especificamente as praticas corporais de aventura no ambiente escolar e as relações de gênero estabelecidas na mesmas que foi um dos eixos transversais observados durante a coleta de dados, os estudantes e as estudantes sentiram vontade de progredir nos conteúdos da pesquisa o que traz um fator motivacional para a progressão da mesma.



## 5. Anexos

### 5.1. Questionário aplicado aos estudantes.

Nome:

Idade:

Gênero:

#### **PRÁTICAS CORPORAIS FORA DA ESCOLA**

O que faz no seu tempo livre?

Pratica atividade física ou prática corporal (esporte, jogo etc) fora da escola? Se sim, qual?

Onde e com quem você a pratica?

Por que você pratica essas modalidades? O que elas proporcionam a você?

Gostaria de experimentar alguma prática corporal que ainda não teve condições?

Prefere praticar atividade física (esportes, jogos, etc) dentro ou fora da escola? Porque?

#### **PRÁTICAS CORPORAIS DENTRO DA ESCOLA**

Voce frequenta as aulas de Educação Física?

( ) SIM; ( ) NÃO

O que voce aprende nas aulas de Educação Física?

Voce gosta das aulas de Educação Física? Por que?

Se pudesse sugerir ao seu professor algumas práticas corporais, o que você mais gostaria de fazer nas aulas de Educação Física? Por que?

### Práticas corporais de aventura

O que você entende por práticas corporais de aventura? (Esportes de aventuras, esportes radicais). Você pratica algo inserido nesse contexto?

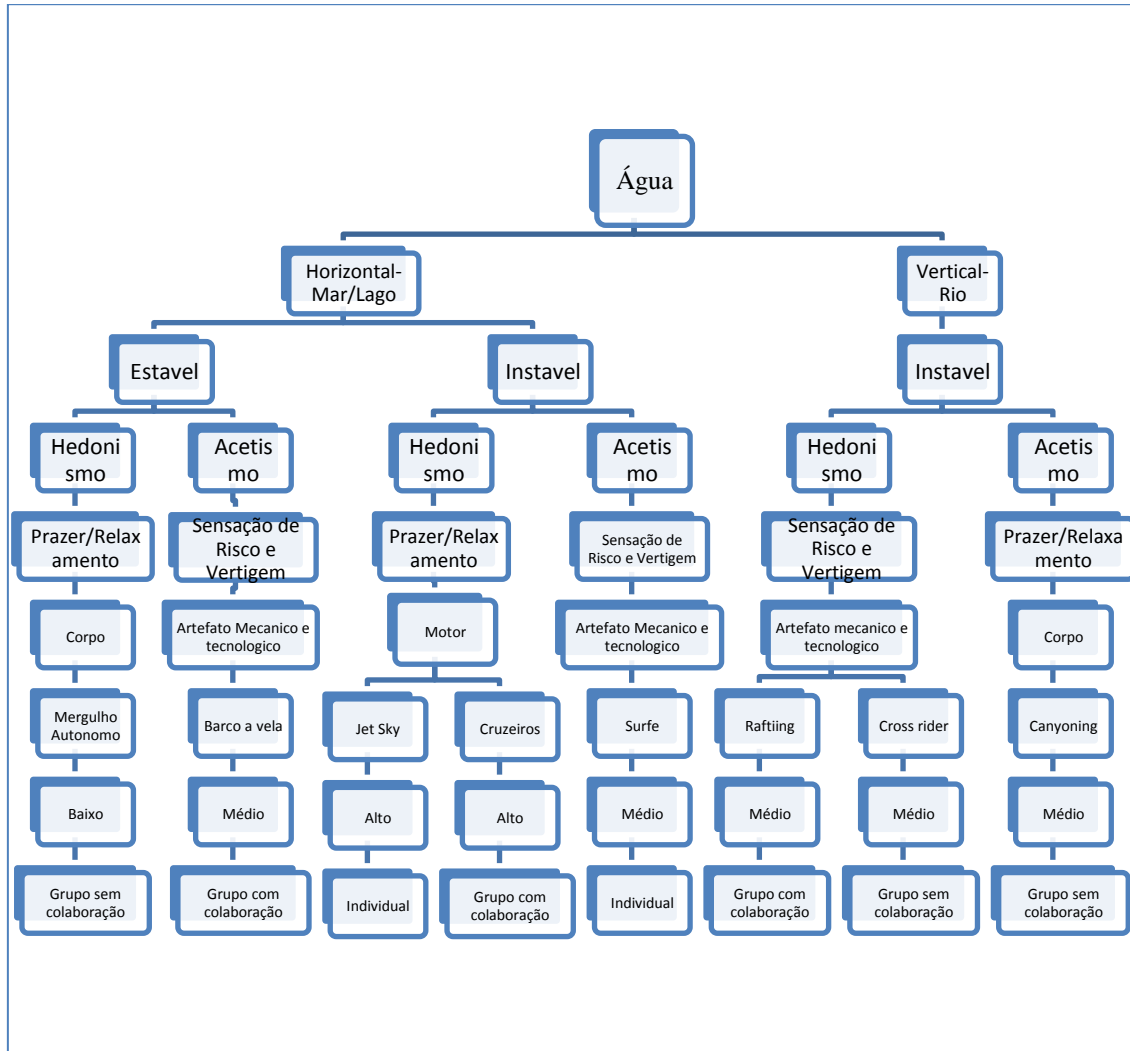
Das práticas corporais de aventura abaixo marque com X os conteúdos que você gostaria de ter nas aulas de Educação Física, considerando que M (muito), TF (tanto faz) e P (pouco).

Conteúdos	M	TF	P	Conteúdos	M	TF	P
Slack				Tirolesa			
Rapel				Corrida de orientação			
Pakour				Deslizamento			

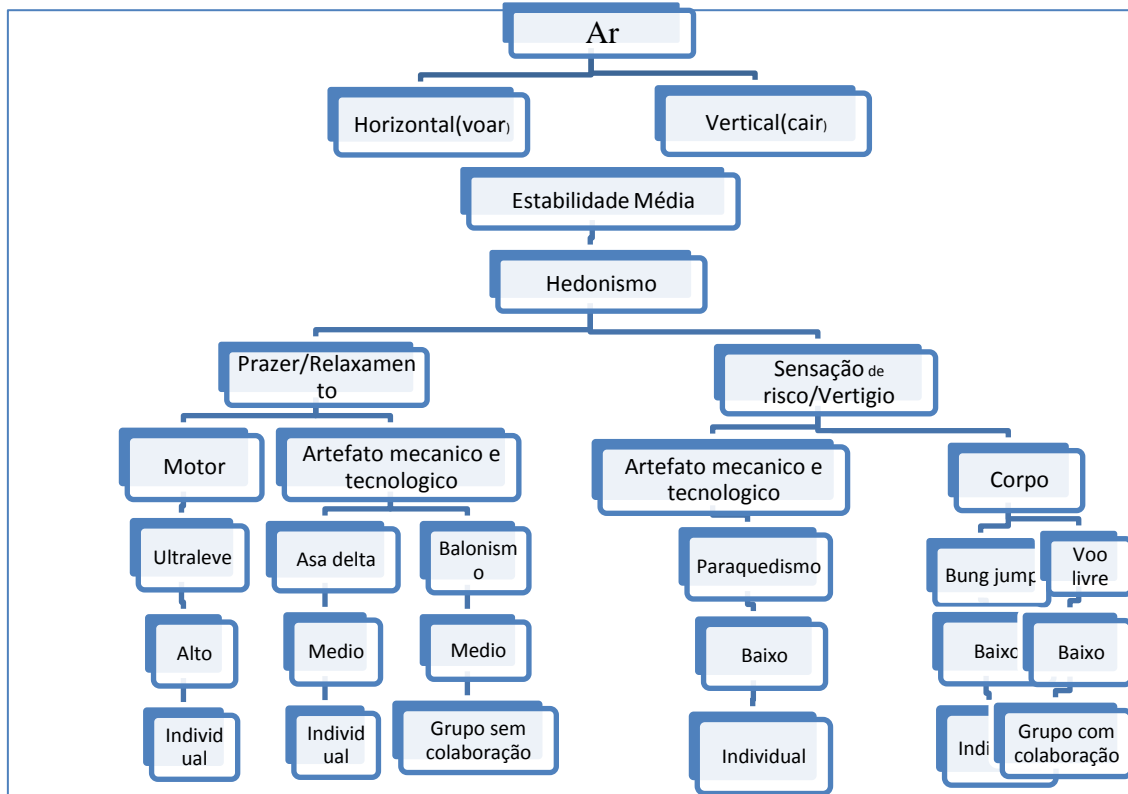
Caso queira algum conteúdo que não foi listado acima, escreva aqui:

Você acredita que homens e mulheres podem participar das práticas corporais de aventura maneira igualitária?

## 5.2. Organograma água PCAN



### 5.3. Organograma ar PCAN



#### 5.4.Quadro PCAN, Oliveira (1995)

### PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA (OLIVERA,1995)

- apresentados na mesma sequência que aparecem no quadro.

Espanhol	Meio	Português
Ultraligero	Ar	Ultraleve
Ala delta / parapente	Ar	Asa delta / parapente
Aerostación	Ar	Balonismo
Paracaidismo	Ar	Paraquedismo
Puenting / benji	Ar	<i>bungee jumping / ??</i>
Vuelo libre	Ar	Voo livre
Cicloturismo	Terra	Cicloturismo
<i>Trekking</i>	Terra	<i>Trekking (caminhada)</i>
Orientación	Terra	Corrida de orientação
Espeleo	Terra	Espeleologia <i>Entrada livre em cavernas</i>
Telemark	Terra	Esqui na neve
<i>Horsing trineos</i>	Terra	Trenó a cavalo ou cachorro
4x4	Terra	Trilha com auto 4x4
Moto	Terra	Trilha com motos
Monopatín	Terra	<i>Skate</i>
<i>Moutain bike</i>	Terra	<i>Moutain bike</i>
Esquí extremo	Terra	Esqui radical
Espeleologia vertical	Terra	Espeleologia vertical <i>Entrada em cavernas com cordas etc.</i>
Escalada / alpinismo	Água	Escalada / alpinismo
Rapel	Água	Rapel
Submarinismo	Água	Mergulho autônomo
Vela	Água	Barco a vela
Motos	Água	<i>Jet ski</i>
Cruceros	Água	Cruzeiros
Surf	Água	Surfe
<i>Rafting</i>	Água	<i>Rafting</i>
Hidrospeed	Água	<i>Cross rider</i> descida de rios em pequena prancha ou boia revestida

Descenso de barrancos	Água	<i>Canyoning</i> Descida por um rio com uso de diversas técnicas
	Outras PCAns que não estão listadas: <i>Snorkel</i> (água); <i>Windsurfe</i> (água); <i>Kitesurf</i> (ar); <i>Tirolesa</i> (ar); <i>Falsa baiana</i> (ar); .....outras??), brincadeiras???	

## 6. Referencias

- Armbrust, i. O skate associado às dimensões educacionais. In: III Congresso Brasileiro de atividades de aventura, 2008, Santa Teresa/Espirito Santo. Anais III Cbaa, Espirito Santo, 2008.
- Betrán, Javier O. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. Apuntes: Educación Física y Deportes. Barcelona, nº41, p.5-8, 1995.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (Proposta preliminar - 2a. versão), 2016.
- Brasília. Revista brasileira: saúde da família. Ministério da Saúde Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Atenção Básica, 2006.
- BRUHNS, H. T. Lazer e Meio Ambiente: Corpos Buscando O Verde e A Aventura. Revista Brasileira de Ciências do Esporte RBCE, Florianópolis, v. 18, n.2, p. 86-92, 1997.
- Coimbra, D.A. Atividades físicas de aventura na natureza e possíveis aprendizados. Schwartz. Aventuras na natureza: consolidando significados. Jundiaí- SP: Fontoura, 2006.
- Coletivo de autores. Metodologia do ensino da educação física. Ed.rev- São Paulo: cortez, 1992.
- Conhecimento na escola. São Paulo, Phorte editora, 2000.
- Córdova, F. P; Silveira, D.T. A pesquisa científica. Gerhardt, T.E; Silveira, D. T. Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- Costa, v. L. De m. Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário. Barueri: Manole, 2000.
- DARIDO, S. C. Educação Física na escola: Questões e reflexões. Editora: Guanabara Koogan S. A. Rio de Janeiro- RJ, 2003.
- Franco, L. A adaptação das atividades de aventura na estrutura da escola. P. 89-101. In: V congresso brasileiro de atividades de aventura. Entre o urbano e a natureza. Ed. Lexia. São Bernardo do Campo. 2010.
- Franco, L.C.P; Cavasini, R; Darido, S.C; Práticas corporais de aventura. González, F.J ; Darido, S.C; Oliveira, A.A.B. Práticas corporais e a organização do conhecimento: Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura. Maringá: Eduem, 2014.
- Inácio, H. et al. Práticas corporais de aventura na escola: Possibilidades e desafios – reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular In: Revista Motrivivência. v. 28, n. 48, p. 168-187, setembro/2016.

Inácio, H. et al. Bastidores das práticas corporais de aventura na natureza. p. 35-61. Silva, A.M; Damiani, I.R..Práticas corporais: experiências e educação para uma formação humana. Volume 3. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte , 2005.

Lazzarotti et Al. O termo práticas corporais na literatura científica Brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. In: Revista movimento. Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 11-29, janeiro/março de 2010.

Marinho, A. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. 2005. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:W4SPcU7wcwUJ:https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/download/1184/1919+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 28. Set. 2016.

Marinho, A; Inácio, H.L.D. Educação física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 28, n. 3, p. 55-70, maio 2007.

Marinho, A; Schwartz, G.M. 2005. Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd88/avent.htm>. Acesso em: 28. Set. 2016.

MARX. K; ENGLES. F; Manifesto do partido comunista. Ed. Expressão popular – São Paulo: 2008,

MATTOS, M.G. NEIRA, M.G. Educação física na adolescência:construindo o Pereira, J.M.; Monteiro, L.R. 1995. Atividades Físicas de exploração da natureza - em defesa do seu valor educativo. *Revista Horizonte* 69: 111-116.

Pigeaussou, c. The various forms of environmentalist thinking within the field of sports activities: fron the utopic to the realistic. In: da costa, I. P. Environment and sport: an international overview. Faculdade de ciências do desporto e educação física, universidade do porto, porto, portugal, 1997.

Rodrigues, L.H; Darido, S.C. Educação física escolar e meio ambiente: reflexões e aplicações pedagógicas. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd100/ma.htm>. Acesso em: 28. Set. 2016.

Silva, A.M; Damiani, I.R. As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social. Silva, A.M; Damiani, I.R. Práticas corporais: gênese de um movimento investigativo na educação física, volume 1. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte , 2005.

Tahara, A; Darido, S. Proposta de unidade didática acerca das práticas corporais de aventura, trilhas interpretativas, educação física escolar e tecnologias de informação e comunicação (TIC). Revista Corpoconsciência, Santo André, vol. 19, n. 2, p. 55-68, jul/dez 2014.

TRIVINOS. A; Introdução à pesquisa em Ciências Sociais. Ed Atlas. São Paulo, 1987.

Uvinha, R.R. Juventude, lazer e esportes radicais. Barueri- SP Manole, 2001.

V congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, 2010, São Bernardo do Campo. Coletânea do V CBAA: Entre o urbano e a natureza: a inclusão na aventura. São Bernardo do Campo: Lexia, 2010.

Vilka, M.C. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. <http://docplayer.com.br/18596035-Os-desafios-da-escola-publica-paranaense-na-perspectiva-do-professor-pde-producoes-didatico-pedagogicas.html>. 08. Dez. 2016.

Xavier, E; Galhardo, W; Ferraz, S; Soares, R; Almeida, M. Os reflexos das diferenças sexuais na prática de esportes de aventura com adolescentes: estudo de caso com rapel. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd167/esportes-de-aventura-com-adolescentes-rape.html>. Acesso em: 28. Set. 2016.

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS MONOGRAFIAS  
ELETRÔNICAS REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DE MONOGRAFIAS DA UFG – RIUFG**

**1. Identificação do material bibliográfico monografia:**

Graduação       Especialização

**2. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso**

Autor (a):	Laleska Lopes Guiotti
E-mail:	laleska_guiotti@hotmail.com
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Título:	Práticas corporais de aventura no ambiente escolar: desafios e possibilidades.
Palavras-chave:	Práticas corporais de aventura; Educação Física; Cultura corporal; Escola.
Título em outra língua:	Corporal adventure practices in the school environment: Challenges and possibilities.
Palavras-chave em outra língua:	Corporal adventure; physical education; Culture corporal; school.
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	20. 12.2106
Graduação/Curso Especialização:	Educação Física- Licenciatura
Orientador (a)*:	Prof. Dr. Humberto Luís de Deus Inácio

\*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O referido autor:

a) Declara que o documento em questão é seu trabalho original, e que detém prerrogativa de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento em questão contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal de Goiás os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento em questão.

**Termo de autorização**

Na qualidade de titular dos direitos do autor do conteúdo supracitado, autorizo a Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás a disponibilizar a obra, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional de Monografias da UFG (RIUFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data, sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial de sua obra? ( ) Sim    ( X ) Não

Permitir modificações em sua obra?

( ) Sim

( ) Sim, contando que outros compartilhem pela mesma licença .

( x ) Não

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Local e Data: 07 de Março de 2017 \_\_\_\_\_

*Laleska Lopes Guiotti*

